



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Centro de Ciências da Educação

**CURSO DE GRADUAÇÃO EM
BIBLIOTECONOMIA**



Adélia Helena Gewehr

**Voltando o olhar para a Biblioteca Pública de Santa Catarina: percepções dos
bibliotecários sobre ação cultural**

Florianópolis, 2014

Adélia Helena Gewehr

**Voltando o olhar para a Biblioteca Pública de Santa Catarina: percepções dos
bibliotecários sobre ação cultural**

Trabalho de conclusão do curso de Graduação em Biblioteconomia, do Departamento de Ciência da Informação, do Centro de Ciências da Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina, requisito parcial à obtenção de Título de Bacharel em Biblioteconomia. Orientadora: Prof^a. Ana Claudia Perpétuo de Oliveira da Silva

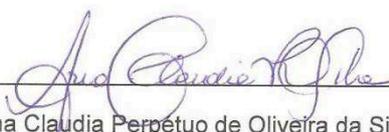
Florianópolis, 2014

Adélia Helena Gewehr

**Voltando o olhar para a Biblioteca Pública de Santa Catarina: percepções dos
bibliotecários sobre ação cultural**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Biblioteconomia, do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, aprovado com nota 9,0.

Florianópolis, 27 de ~~NOVEMBRO~~ de 2014.



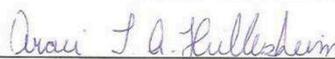
Me. Ana Claudia Perpetuo de Oliveira da Silva - UFSC

Professor Orientador



Dr. Francisco das Chagas de Souza - UFSC

Membro da Banca Examinadora



Me. Araci Isaltina de Andrade Hillesheim - UFSC

Membro da Banca Examinadora

Ficha Catalográfica elaborada por Adélia Helena Gewehr, graduanda em Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Gewehr, Adélia Helena

Voltando o olhar para a Biblioteca Pública de Santa Catarina: percepções dos bibliotecários sobre ação cultural. / Adélia Helena Gewehr; orientadora, Ana Claudia Perpétuo de Oliveira.

88 f. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Graduação em Biblioteconomia.

Inclui referências

1. Biblioteconomia. 2. Bibliotecas Públicas. Ação Cultural. Bibliotecários. I. Silva, Ana Claudia Perpétuo. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Biblioteconomia. III. Título.

Esta obra é licenciada por uma licença Creative Commons de atribuição, de uso não comercial e de compartilhamento pela mesma licença 2.5



Você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra;
- criar obras derivadas.

Sob as seguintes condições:

- Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original.
- Uso não-comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.
- Compartilhamento pela mesma licença. Se você alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta, somente poderá distribuir a obra resultante com uma licença idêntica a esta.

Tudo é incerto, a começar pela data de nossa morte. Incerto é destino, pois, por mais que façamos escolhas, elas só se mostrarão acertadas ou desastrosas lá adiante, na hora do balanço final. Incertos são nossos amores, e por isso é tão importante sentir-se bem mesmo estando só. Enfim, incerta é a vida e tudo o que ela comporta. Somos aprendizes, somos novatos, mas beneficiários de uma dádiva: nascemos. Tivemos a chance de existir. De nos relacionar. De fazer tentativas. O sentido de tudo isso? Faz parte. Simplesmente fazer parte.

Martha Medeiros

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado saúde e forças para superar as dificuldades enfrentadas nesta caminhada.

Agradeço a minha professora orientadora Ana Claudia, que teve paciência e me ajudou bastante a concluir este trabalho.

Agradeço à minha família, por sua capacidade de acreditar em mim e investir em mim.

Agradeço especialmente as minhas irmãs Lúcia e Loiva, por acreditarem em mim e me apoiarem nestes quatro anos de caminhada, não me deixando desistir nas vezes que achei que não conseguiria mais continuar essa jornada.

Agradeço aos meus filhos Henrique e Felipe a quem amo muito, que para que eu pudesse começar essa jornada tiveram que enfrentar mais uma mudança em suas vidas, e mesmo assim sempre estiveram comigo sendo meus amigos e companheiros.

A minha colega Eliane por ser minha irmã aqui em Florianópolis, me ouvindo, me consolando com seu ombro amigo, e, nunca deixando de acreditar que eu era capaz.

A minha colega Giane por também sempre estar presente nesta caminhada, me ajudando nos trabalhos, e dando conselhos, e o mais importante sua amizade.

A todos aqueles (que são muitos e tenho medo de esquecer alguém), que de alguma forma estiveram e estão próximos de mim, me ajudando cada um de uma maneira, principalmente nesse último ano, pois só quem estava próximo de mim soube o quanto foi difícil, mas mesmo assim me deram força, sempre acreditando que eu conseguiria vencer essa etapa.

GEWEHR, Adélia Helena. Voltando o olhar para a Biblioteca Pública de Santa Catarina: percepções dos bibliotecários sobre ação cultural. 2014. 88 f. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Centro de Ciências da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

RESUMO

Esta pesquisa objetiva investigar a percepção dos bibliotecários da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina (BPSC) sobre ação cultural. Apresenta fundamentação conceitual acerca das bibliotecas públicas e mais especificamente da BPSC, ação cultural e o papel do bibliotecário como agente cultural. Como fundamentação teórica o estudo relaciona o construcionismo social de Berger e Luckmann, com a noção de interdependência dada por Norbert Elias. Destaca como fundamento metodológico coerente com a fundamentação teórica e com os instrumentos metodológicos escolhidos, a Teoria das Representações Sociais (TRS), elaborada por Serge Moscovici. Conclui que os bibliotecários da BPSC identificam que os projetos de ação cultural são muito importantes dentro de uma biblioteca e que desenvolver estes projetos é uma maneira de atrair novos usuários fazendo com que a biblioteca não seja vista apenas como um depósito de livros.

Palavras chave: Ação cultural. Biblioteca pública. Bibliotecários.

ABSTRACT

This research aims to investigate the perceptions of librarians at the Public Library of the State of Santa Catarina (BPSC) on cultural action. Presents conceptual reasoning about public libraries and more specifically the BPSC , cultural action and the role of the librarian as a cultural agent. As a theoretical basis the study relates the social constructionism of Berger and Luckmann, with the notion of interdependence given by Norbert Elias. Stands as a coherent methodological foundation with the theoretical foundation and methodological instruments chosen, the Social Representations Theory (SRT) developed by Serge Moscovici. Concludes that librarians of BPSC identify which projects are very important cultural activity within a library and develop these projects is a way to attract new users so that library is not seen as just a book warehouse.

Keywords: Cultural action. Public library. Librarians.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	FUNDAMENTOS DA PESQUISA	10
2.1.1	As bibliotecas públicas	10
2.1.2	Biblioteca Pública de Santa Catarina	14
2.1.3	Ação cultural	15
2.1.4	O bibliotecário como Agente Cultural	17
2.2	Fundamentação Teórica	19
2.3	Fundamentação metodológica	21
3	INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS	23
3.1	Tipo de pesquisa	23
3.2	Participantes da pesquisa e instrumentos de coleta de dados	24
3.3	Ética na pesquisa	27
4	RESULTADOS E ANÁLISE	28
4.1	O perfil dos entrevistados	28
4.2	O DSC final	28
4.3	Análise do DSC	34
4.3.1	Ação cultural: o que expressam os bibliotecários que atuam na BPSC?	35
4.3.2	As vivências de ações culturais ao longo da vida.....	36
4.3.3	As experiências do sujeito coletivo com ações culturais promovidas pela BPSC	37
4.3.4	A contribuição das atividades culturais promovidas pelas bibliotecas públicas	39
4.3.5	O encontro com o outro: a experiência do sujeito coletivo com os usuários	41
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
	REFERÊNCIAS	47
	APÊNDICE A – Questionário	51
	APÊNDICE B - Autorização para Entrevista	52
	APÊNDICE C – Perguntas das entrevistas	53
	APÊNDICE D – Transcrição das entrevistas	54
	APÊNDICE E - DSC	72

1 INTRODUÇÃO

A Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina (BPSC) é a única biblioteca pública do Governo do Estado, patrimônio público catarinense que data de 1854. Localizada na Capital turística do Estado, centraliza os serviços oferecidos aos cidadãos, já que não possui bibliotecas setoriais nem na cidade de Florianópolis, nem nas cidades do interior de Santa Catarina.

A biblioteca pública é uma instituição cuja importância se verifica em todas as esferas da ação humana. Algumas pessoas consideram-na um templo dedicado ao saber, um espaço onde se reúne o conhecimento acumulado pela sociedade. É frequente sua associação a um lugar tranquilo, silencioso, onde se encontram livros. Uma unanimidade é a ideia de que a biblioteca pública é um local no qual se encontra um conjunto de informações sobre os mais variados temas.

Esse conjunto de informações agrupados nestes espaços pode se apresentar aos seus frequentadores das mais diversas formas. A biblioteca pública pode ser mais do que um lugar onde se guardam livros ou um espaço para leitura.

Mas um local que pode oferecer aos cidadãos além de livros, jornais, revistas e outras manifestações da cultura escrita, um espaço para promoção de cursos, oficinas de arte, exposições, feiras do livro e várias outras opções de vivências culturais, outras experiências com a informação e o conhecimento. Essa visão das potencialidades da biblioteca encontra nos projetos de ação cultural um formato ideal para a ampliação de seu uso e para o alcance de suas finalidades.

Os projetos de ação cultural em bibliotecas públicas beneficiam a população de diferentes maneiras e democratiza sua utilização para que não fiquem somente atreladas aos cidadãos detentores da cultura escrita. Também, para que todos possam ter acesso ao conhecimento que se expressa nas mais variadas formas.

A ação cultural é resultado da ação humana. Não irá acontecer por si só nos espaços das bibliotecas públicas. Para que aconteça, será necessária a intervenção dos agentes que atuam nestes espaços, como os bibliotecários. Como isso se dá na BPSC? O que pensam os bibliotecários que lá atuam sobre ação cultural?

Nesta proposta de estudo pretende-se averiguar as percepções que o bibliotecário que atua na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina (BPSC) tem sobre ação cultural nestes espaços. Qual o valor da ação cultural nos ambientes de bibliotecas públicas? Em sua atuação, os bibliotecários, julgam relevantes essas iniciativas no âmbito da biblioteca pública? Os bibliotecários da BPSC realizam ação cultural? O que é ação cultural para estes profissionais? Quais suas vivências com ação cultural? Estas são algumas perguntas que norteiam esta proposta de estudo.

A pesquisa traz como abordagens conceituais temas como ação cultural, bibliotecas públicas, Biblioteca Pública de Santa Catarina e bibliotecários que atuam nestes espaços. Como fundamentação teórica, a pesquisa sustenta-se no construcionismo social de Berger e Luckmann (2007), que propõem a análise sociológica da realidade, bem como, o processualismo de Norbert Elias (1994) que destaca a interdependência entre os indivíduos e a dinâmica da manutenção e das mudanças sociais. Como fundamentação metodológica coerente com a proposta teórica, vigora a Teoria das Representações Sociais (TRS) de Serge Moscovici (2009). Utiliza como técnica de coleta, análise e tratamento dos dados o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) criada por Fernando Lefèvre e Ana Maria Cavalcanti Lefèvre (2012).

A pesquisa, portanto, objetiva investigar a percepção dos bibliotecários da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina sobre a ação cultural em biblioteca pública. Para o alcance deste objetivo geral, apresenta como objetivos específicos: verificar quais atividades de ação cultural são desenvolvidas pela BPSC atualmente, investigar a concepção de ação cultural por partes dos bibliotecários, levantar as vivências dos bibliotecários com ações culturais em bibliotecas e resgatar suas experiências com os usuários que vivenciaram atividades culturais promovidas pela biblioteca pública.

A motivação pessoal para a pesquisa foi o fato de sempre gostar de ir em bibliotecas, talvez por ter na família uma bibliotecária que, na época das férias escolares, levava-me na Biblioteca Pública do Rio Grande do Sul, onde trabalhava e onde aos poucos fui conhecendo como funcionava uma biblioteca, e desenvolvendo uma paixão por livros e espaços de leitura. Esta mesma parente bibliotecária, quando trabalhou no interior, além dos trabalhos eventuais de biblioteca,

desenvolveu vários projetos que foram muito importantes no município, como um programa na rádio local, que tinha periodicidade semanal. Além disso, aos sábados ela ia ao presídio da cidade com uma sacola de livros onde desenvolveu um centro de leitura. Idealizou também no município a primeira feira do livro, e na própria biblioteca fora do horário de expediente com a ajuda de outra irmã fez um clube de leitura, onde participavam crianças, jovens e adultos. Nestes momentos em que eu frequentava a biblioteca acabei participando de muitas destas iniciativas que foram por ela desenvolvidas e onde percebi a importância que estas ações tiveram não só para os usuários da biblioteca, mas para a população em geral, tanto que o programa na rádio que se chamava “Recreio”, até hoje é lembrado.

Em pesquisa nas bases referenciais da área de Ciência da Informação, percebe-se que temas relacionando bibliotecas públicas, ação cultural e atuação do bibliotecário não são frequentes no contexto brasileiro. Verificar o que expressam os bibliotecários desta Biblioteca Pública sobre ação cultural pode auxiliar para entendimento da relação da temática com este grupo profissional, e fornecer subsídios para fomentar a prática no âmbito desta atividade e espaço cultural.

2 FUNDAMENTOS DA PESQUISA

Para o desenvolvimento da pesquisa buscou-se uma fundamentação conceitual acerca das bibliotecas públicas, da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, dos bibliotecários que atuam nestes espaços e da abordagem sobre ação cultural.

Como fundamentação teórica o estudo relaciona o construcionismo social de Berger e Luckmann (2007) baseado na obra “A construção social da realidade” e a questão da interdependência entre os indivíduos no contexto da obra de Norbert Elias (1994) “A sociedade dos indivíduos”. Como fundamento metodológico, visando ser coerente com a fundamentação teórica e dar suporte para os instrumentos de coleta de dados, apoiou-se na Teoria das Representações Sociais (TRS), elaborada por Serge Moscovici (2009).

2.1 Fundamentação conceitual

Serão abordados conceitos acerca das bibliotecas públicas, um resgate sobre a BPSC, ação cultural e sobre o papel do bibliotecário como agente cultural.

2.1.1 As bibliotecas públicas

As bibliotecas públicas são locais procurados para pesquisa, leitura, por vezes local escolhido para um encontro, ou apenas para descanso, atendendo à comunidade das mais diversas maneiras.

Para Milanesi (1988, p.93) a biblioteca:

é, também, um instrumento de leitura do cotidiano com os seus conflitos e problemas. Então, a biblioteca não pode ser algo distante da população como um posto médico que ele procura quando tem dor. Ela deve ser um local de encontro e discussão, um espaço onde é possível aproximar-se do conhecimento registrado e onde se discute criticamente esse conhecimento.

A biblioteca pública foi criada na Inglaterra no final do século XIX como consequência da revolução industrial.

Até a época atual, a biblioteca pública passou por profundas mudanças no seu conceito, na qual podem destacar algumas:

- a) O conceito inicial da revolução industrial era vinculado à classe trabalhadora às funções educativas e moralizantes;
- b) A imagem da biblioteca pública incorpora o conceito de atuar como instrumento para a paz e a democracia e identifica-se com a classe média e a população infantil, cada vez mais numerosa durante a crise econômica que ocorreu no século XX, anos trinta e na Segunda Guerra Mundial;
- c) Em 1949 foi publicada pela UNESCO a 1º versão do Manifesto da Biblioteca Pública: destacando sua função em relação ao ensino e caracterizando-a como centro de educação popular;
- d) Na década de 50 iniciam-se questionamentos crescentes por parte da classe de bibliotecários, principalmente nos Estados Unidos e na Inglaterra, sobre o papel da biblioteca pública e sua permanente identificação com os valores da classe média e a cultura de elite;
- e) Os movimentos culturais contestatórios ocorridos no século XX, décadas de 60 e 70 desencadearam novos questionamentos sobre o papel da biblioteca pública;
- f) Em 1972 foi publicada pela UNESCO a 2º Versão do Manifesto da Biblioteca Pública, sintetizando como suas funções educação, cultura, lazer e informação;
- g) No século XX, década de 80 inicia-se o uso generalizado dos computadores e das novas tecnologias de comunicação nas bibliotecas, desencadeando o aparecimento das redes de bibliotecas, o que reflete em suas funções e conceito;
- h) A partir da década de 90 do século XX, a revolução digital afeta o trabalho e a vida cotidiana dos indivíduos;
- i) Em 1994 foi publicada pela UNESCO a da 3º versão do Manifesto da Biblioteca Pública: seu texto enfatiza o compromisso da biblioteca pública com a democratização do acesso às novas tecnologias da informação. (BIBLIOTECA NACIONAL, 2000)

A primeira biblioteca no Brasil surge por iniciativa não do Estado, mas de um abastado senhor de engenho. Conforme Moraes (1979), em 1549, com o Governo Geral instalado em Salvador, na Bahia, os livros ainda eram privilégio dos conventos dos jesuítas, franciscanos, carmelitas e beneditinos, principalmente dos padres da Companhia de Jesus que fundam colégios em território baiano e em outras capitanias. As obras, além de raras, concentravam-se nas mãos dos estudantes de colégios religiosos.

Foi em 1811 que Pedro Gomes Ferrão de Castelo Branco estabeleceu a primeira biblioteca pública, sendo concebida a biblioteca pública “do Estado” como uma instituição capaz de promover a instrução do povo, formada pelos cidadãos, administrada pela sociedade e financiada por sócios. (MORAES, 1979). Sem apoio permanente do governo, a biblioteca “estреou as agruras que esse tipo de ação encontraria na sociedade brasileira através do tempo: morreu à míngua, poucos anos após a inauguração.” (MILANESI, 2003, p. 84).

Conforme Fonseca (2007), após a Biblioteca Pública da Bahia, sucedeu-se a de Sergipe em 1851, Pernambuco em 1852, Espírito Santo em 1855, Paraná em 1857, Paraíba em 1858, Alagoas em 1865, Ceará em 1867, Amazonas e Rio Grande do Sul em 1871.

No Brasil, a noção do acesso às bibliotecas para todo povo está historicamente em desenvolvimento; o conhecimento do livro nas primeiras décadas da colonização se dá através do processo de catequização liderado pelos jesuítas portugueses da Companhia de Jesus. “Os livros, cuidadosamente selecionados, eram poderosos instrumentos de propaganda da fé” e a Companhia de Jesus era responsável pela alfabetização e formação de padres que iriam continuar a formação de meninos para a solidificação de seus propósitos. A ação dos jesuítas foi fundamental na herança do que se identifica hoje como ‘cultura brasileira’ (MILANESI, 2003, p. 81-83).

Existem diversas categorias de bibliotecas, que diferem segundo as faixas etárias e/ou seus tipos de usuários: infantis, escolares, universitárias, especializada, nacionais e, finalmente, bibliotecas públicas. (FONSECA, 2007)

Um dos princípios da biblioteca pública baseia-se na igualdade de acesso para todos, sem restrição de idade, raça, sexo, status social, etc, e na disponibilização à comunidade de todo o tipo de conhecimento. (UNESCO 1994).

A biblioteca pública deve constituir-se de um ambiente, onde as pessoas possam se encontrar para conversar, trocar ideias, discutir problemas, auto instruir-se e participar de atividades culturais e de lazer.

O estreitamento da relação com a comunidade é fator essencial para o desempenho das funções da biblioteca pública. É necessário que os indivíduos reconheçam na biblioteca pública um lugar de encontro da comunidade com seus valores, tradições, história, entre outros.

Na biblioteca pública podem ser desenvolvidas várias atividades, que envolvem desde a leitura, palestras, exposições, teatros, cursos, entre muitas outras visando a interação entre os usuários.

Desta maneira, conforme Rosa (2009, p. 373)

a biblioteca apresenta um novo papel na sociedade, inclusive educacional, não podendo ficar mais isolada e estática, e sim, trabalhar no desenvolvimento de ambientes que promovam a capacidade do usuário no acesso a informação e produção de novos conhecimentos

De acordo com a última Pesquisa de Informações Básicas Municipais de 2013, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as bibliotecas públicas estão em 97% dos municípios do país, ou seja, é o equipamento cultural mais presente no cenário nacional. (SISTEMA NACIONAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS, 2014).

Segundo os dados do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP) de 11 de março de 2014, o Brasil possui 6.060 bibliotecas públicas, em 5.453 Municípios, sendo 512 na Região Norte, 1845 na Região Nordeste, 499 no Centro-Oeste, 1932 no Sudeste e 1272 na Região Sul.

Conforme publicação no site do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas em março de 2014, o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas e a Diretoria do Livro, Leitura, Literaturas e Bibliotecas (DLLLLB), estão iniciando um processo de mobilização local a favor da ampliação do número de bibliotecas públicas no Brasil. O projeto "Mais Bibliotecas Públicas" dará prioridade ao processo de mobilização pre-

sencial junto àqueles municípios que estão sem bibliotecas públicas ou cujo equipamento cultural esteja fechado.

2.1.2 Biblioteca Pública de Santa Catarina

A Biblioteca Pública de Santa Catarina (BPSC) foi criada em 1854, quando o então presidente da província, João José Coutinho, sancionou a Lei nº 373, em 31 de maio, mas somente em 9 de janeiro de 1855 é que foi oficialmente inaugurada. O acervo inicial contava com 474 exemplares, reunidos por meio de doações. O primeiro diretor da instituição foi o poeta Francisco de Paulicéia Marques de Carvalho, um dos principais doadores. Com base na sua data de criação, é possível supor que seja uma das bibliotecas mais antigas do Brasil. (BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA, 2014).

Operando no prédio atual desde 1979, localizado na área central de Florianópolis, a biblioteca conta, atualmente, com um acervo formado por títulos de diversas áreas do conhecimento, em suportes variados, além de uma coleção de periódicos e uma de obras raras. Sua missão consiste em manter, conservar e disponibilizar parte da memória cultural do Estado para a população catarinense e promover o hábito da leitura junto a ela (BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA, 2014).

Desde 1999, funciona como Depósito Legal através da Lei nº 11.074, de 11 de janeiro, que sacramenta a obrigatoriedade de editoras e escritores catarinenses de doar um exemplar de cada obra impressa para o seu acervo, com o objetivo de preservar e registrar as publicações concernentes à história e memória do Estado. (BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA, 2014).

Atende a um público mensal de 20 mil consulentes. Possui serviço de empréstimo domiciliar e realiza atividades complementares, como audições musicais, exposições, cursos, seminários e debates. (BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA, 2014).

A Biblioteca Pública de Santa Catarina é administrada pela Fundação Catarinense de Cultura (FCC) que tem como missão valorizar a cultura, por meio de ações que estimulem, promovam e preservem a memória e a produção artística

catarinense. Além da BPSC a Fundação administra também a Casa da Alfândega, o Museu Histórico de Santa Catarina, o Museu Etnográfico Casa dos Açores (em Biguaçu), o Museu Casa de Campo Governador Hercílio Luz (em Rancho Queimado) e o Museu Nacional do Mar - Embarcações Brasileiras (em São Francisco do Sul). (BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA, 2014).

A Biblioteca Pública de Santa Catarina também disponibiliza atividades de ação cultural para seus usuários. No site onde divulga informações, percebem-se iniciativas de lançamentos de livros, contação de histórias, exposições de artes, e em comemoração ao seu aniversário de 160 anos ocorrido em 31 de maio de 2014 foi lançada uma edição revista e ampliada do Catálogo de Jornais Catarinenses: 1831- 2013. (BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA, 2014).

2.1.3 Ação cultural

“Ação Cultural” é um termo que abarca duas expressões e produz por si só todo um programa de atuação, conforme Coelho (2001). Ao comparar a palavra com “fabricação” (“processo com um início determinado, um fim previsto e etapas estipuladas que devem levar a um fim preestabelecido”) o autor destaca que ação consiste em um “processo claro e armado mas sem fim especificado e, portanto sem etapas ou estações intermediárias pelas quais se deva necessariamente passar”. Na fabricação, se produz um objeto, na ação, o agente gera processo. (COELHO, 2001, p. 12).

Silva e Silva (2006) definem “cultura” como tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no plano concreto ou no plano imaterial, desde artefatos e objetos até ideais e crenças. Cultura é todo complexo de conhecimentos e toda habilidade humana empregada socialmente.

Coelho Neto (1999) define ação cultural como o processo de criação ou organização das condições necessárias para que as pessoas e grupos inventem seus próprios fins no universo da cultura.

Coelho (2001) destaca que ação cultural visa ativar três esferas na vida do indivíduo e do grupo: a imaginação, a ação e a reflexão. A primeira, “onde a consciência reflete sobre si mesma”, se inventa, abre-se às possibilidades, liberta-se

“do ser e do dever ser para aceitar o desafio do poder ser”. A segunda, é “o sujeito, ativamente pronto, sem tensão ou distração, penetra no tempo presente e viabiliza aquilo que sua imaginação pré-sentiu, pré-dispos, ligando-se assim ao processo cultural concreto”. Por último, a terceira permite que o sujeito faça a si mesmo uma proposta de sua própria continuidade, de sua consciência e ação “numa integração com o passado capaz de permitir-lhe o exercício teórico, isto é, a previsão do futuro, a predeterminação do possível”. Neste instante, o círculo se fecha e a imaginação é de novo ativada (COELHO, 2001, p. 93-94).

Para Milanesi (2003) a ação cultural deve ter seu espaço, seja em bibliotecas ou em centros culturais, que ele define como não apenas um local onde os indivíduos se ajustam a determinadas formas, acomodando a personalidade e as emoções, mas onde busquem sempre inventar algo novo.

Um Centro de Cultura deve ter e oferecer a mais vasta e diversificada coleção de registros do conhecimento humano: livros, revistas, jornais, filmes, fotos, discos, vídeos e outras formas de suporte que a tecnologia possa criar, foram por estes motivos que as bibliotecas públicas em sociedades desenvolvidas assumiram a dimensão de centros culturais (MILANESI, 2003).

A ação cultural em bibliotecas é uma maneira de atrair não só o público leitor, mas também todos aqueles que procuram conhecer várias práticas ligadas às artes, a música, ao teatro, além de outras atividades que possam estar associadas à biblioteca como um centro de cultura.

Conforme a Biblioteca Nacional (2000) as atividades de ação cultural são serviços essenciais na biblioteca pública, pois possibilitam a participação, a troca e a interação entre os membros da comunidade. Essas atividades possibilitam a divulgação e a familiarização com diferentes linguagens, formas de comunicação e promovem o exercício do diálogo e da expressão verbal.

Coelho Neto (1999, p. 10) menciona que a ação cultural “além de definir-se como área específica de trabalho, ensino e pesquisa, começaram a constituir-se num conjunto de conhecimento e técnicas com o intuito de administrar o processo cultural”.

A ação cultural não tem limite de conteúdo, não tem fronteiras e nem é restrita a determinados espaços, pois pode acontecer dentro ou fora da biblioteca. (COELHO NETO, 1999)

Um processo de ação cultural resume-se na criação ou organização das condições necessárias para que as pessoas inventem seus próprios fins e se tornem assim sujeitos – sujeitos da cultura, não seus objetos. A ação cultural além de atingir a população leitora, pode também atingir aquela parcela da população que, embora ainda não frequente a biblioteca, precisa ser considerada leitora em potencial. Deve-se abrir espaço para troca de ideias, de informações e discussões sobre temas de interesse de grupos da comunidade.

É preciso que as bibliotecas se comprometam com um objetivo político, social e cultural muito claro, a partir do qual reformulem seus planos de trabalho e sua programação de atividades (CASTRILLÓN, 2011).

A formação de grupos com interesses comuns é um instrumento importante para o desenvolvimento das atividades culturais como, por exemplo, grupos com interesse em criação literária, poesia, contos, música (grupos de corais, de instrumentos musicais), ecologia (com campanhas e passeios programados), teatro, feira de livros, hora do conto, visita de escritores, entre muitos outros.

A ação cultural não se limita somente a disponibilização dos bens culturais, deve possibilitar também a participação e a criação de novos bens culturais e de conhecimentos (ROSA, 2009).

Conforme Rosa (2009) a importância da prática da ação cultural nas unidades de informação, explica-se pela contribuição educativa que a mesma produz e seu caráter transformador na realidade social, onde os indivíduos tornam-se sujeitos da cultura e criação de novos conhecimentos.

2.1.4 O bibliotecário como Agente Cultural

O bibliotecário de biblioteca pública é um agente cultural e atua nestes espaços na promoção da cultura, divulgando-a, e também incentivando o processo de produção cultural e do desenvolvimento educacional, estimulando o usuário a participar destas ações, no sentido de formular e criar.

Para Almeida (1987, p.32)

O trabalho do agente cultural implica, mais que animar, agir sobre, transformar a partir da existência de uma intenção e de um alvo. A expressão "ação cultural" ou mesmo, "ação sócio-cultural" (já que não há ação cultural que não seja social), é muito mais carregada de poder transformador do que "animação cultural", que muitas vezes se refere até à animação institucionalizada, voltada para o consumo, utilitária e alienante

Os bibliotecários, como agentes culturais, deverão ter clareza a respeito dos vários conceitos culturais e ao público a quem se destina, sabendo diferenciá-los, para que sirvam como elemento no desenvolvimento da prática cultural.

Para Almeida (1987) a eficácia do bibliotecário/agente cultural está em sua capacidade de estabelecer relações, captar e canalizar anseios, traduzir esses anseios em projetos e interferir na sua comunidade. O bibliotecário deve proporcionar um ambiente para que o usuário participe, no sentido de opinar, formular e criar (ROSA, 2009).

Para Coelho (2001, p. 57)

O agente cultural será um profissional capaz de entender os mecanismos da atuação em um grupo que possibilitem a esse grupo o exercício da criatividade (ao invés de castrá-lo para isso, como ocorre com frequência) e capaz de conhecer a natureza e possibilidades das linguagens e equipamentos culturais de que se servirá – e que por isso mesmo terá condições de equacionar sua própria presença e intervenção no grupo, ou junto ao indivíduo, de modo a não perturbar exageradamente a natureza [...] do processo [...]

Neste sentido, investigar as percepções que este profissional tem acerca de ação cultural na Biblioteca Pública de Santa Catarina é uma tentativa de evidenciar o que pensam os bibliotecários que atuam neste local sobre o tema. Por ser o bibliotecário um personagem protagonista quando presente nas bibliotecas públicas, ao colocar em evidência este pensamento pode-se compreender melhor determinado ambiente e como se dá a dinâmica nestes espaços.

A busca por estas representações faz parte da estratégia utilizada pela teoria das representações sociais. Conforme Marková (2006), o objetivo da teoria é o de identificar, descrever e analisar estes conteúdos e estes significados estruturados.

A teoria das representações sociais figura nesta pesquisa como fundamento para os métodos que foram empregados e expostos. Como fundamentação teórica, optou-se pelo construcionismo social de Peter Berger e Thomas Luckmann e pela abordagem de interdependência trabalhada por Norbert Elias.

2.2 Fundamentação Teórica

Elias, em seu livro *A Sociedade dos Indivíduos* (1994) afirma que a relação entre os indivíduos e a sociedade é uma coisa singular. Não encontra analogia em nenhuma outra esfera da existência, e, mesmo dentro de um mesmo grupo, as relações conferidas a duas pessoas e suas histórias individuais nunca são exatamente idênticas. O autor aponta várias perguntas como: deve-se partir dos “indivíduos” para compreender as “sociedades” ou dos fenômenos sociais para explicar os indivíduos? Existem muitas controvérsias sobre as questões do indivíduo como eu ou como a sociedade, podendo muitas vezes usar os termos “indivíduo” e “sociedade” como duas entidades distintas e independentes.

A partir da obra de Berger e Luckmann pode-se constatar que a sociedade existe em uma realidade que os autores denominam como realidade por excelência, ou realidade predominante. A auto produção do homem é sempre e necessariamente um empreendimento social. Os homens em conjunto produzem um ambiente humano, com a totalidade de suas formações socioculturais e psicológicas, assim é impossível que o homem se desenvolva como humano no isolamento, igualmente é impossível que o homem isolado produza um ambiente humano. (BERGER; LUCKMANN, 2007).

Berger e Luckmann (2007) apontam que embora o estoque atual do conhecimento represente o mundo cotidiano de maneira integrada, diferenciado de acordo com zonas de familiaridade e afastamento, este conhecimento deixa opaca a totalidade desse mundo. Noutras palavras, a realidade da vida cotidiana sempre nos aparece como uma zona clara através da qual a um fundo de obscuridade.

A estrutura social é um elemento essencial da realidade da vida cotidiana, minhas estruturas de conveniências cruzam as estruturas de conveniências dos

outros em muitos pontos, dando em resultado termos coisas “interessantes” a dizermos dos outros. (BERGER; LUCKMANN, 2007).

Elias (1994, p.18) aponta que as pessoas estabelecem diferentes objetivos de um caso para outro, e não há outros objetivos senão os que elas estabelecem, “a sociedade é o objetivo final e o indivíduo é apenas um meio”, “o indivíduo é o objetivos final e a união dos indivíduos numa sociedade é apenas um meio para seu bem estar”.

Berger e Luckmann (2007) abordam sobre a relevância da socialização primária e secundária. No aprendizado da socialização primária estão presentes não somente o caráter cognoscitivo, mas o ingrediente emocional, que intensifica a identificação da criança com outros significativos num processo de absorção de condutas, onde pode interiorizar as mesmas como suas. Neste âmbito a personalidade é uma entidade que “implica uma dialética entre a identificação pelos outros e a auto-identificação, entre a identidade objetivamente atribuída e identidade subjetivamente apropriada.” (BERGER; LUCKMANN, 2007, p. 177). O indivíduo absorve papéis e atitudes de outros indivíduos, criando sua identidade e seu lugar específico no mundo. (BERGER; LUCKMANN, 2007).

A socialização secundária acontece em setores do mundo objetivo da sociedade (instituições, atividades, tradições e papéis sociais). Neste ambiente, a aquisição do conhecimento está na esfera de funções específicas, possui um vocabulário específico, de compreensões tácitas, que implica na divisão do trabalho e na divisão social do conhecimento. (BERGER; LUCKMANN, 2007).

É na interação social que o homem afirma o sentido da realidade e a linguagem é a responsável por dar sentido e significação a esta realidade para o indivíduo. A linguagem é um mecanismo fundamental na construção social da realidade e nas relações mútuas que se estabelecem. Conforme Berger e Luckmann (2007) a linguagem tem a característica de tipificar e classificar as experiências, agrupando-as em amplas categorias, que fazem sentido para os semelhantes. Através da capacidade de transcender o momento presente, a linguagem estabelece pontes e relaciona as diversas zonas temporais da realidade da vida cotidiana, integrando-as e lhes conferindo sentido. A transcendência de dimensões espaciais, temporais e sociais permitida pela linguagem, pode tornar presente objetos que

estão distantes nestas dimensões, proporcionando uma vasta acumulação de experiências e significações no 'aqui e agora'. A linguagem pode se tornar fonte objetiva de significados e experiências, preservadora do tempo e transmissora para as gerações seguintes. (BERGER; LUCKMANN, 2007).

A linguagem configura elemento preponderante na fundamentação teórica e na metodológica deste estudo que utiliza as percepções de um grupo profissional como objeto de pesquisa. Com relação aos fundamentos metodológicos, são baseados na Teoria das Representações Sociais (TRS) que irá sustentar o instrumento responsável pela coleta, tratamento e análise destes discursos, o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), que será exposto posteriormente nos Instrumentos Metodológicos.

2.3 Fundamentação metodológica

A teoria das representações sociais concebe o pensamento e a linguagem exatamente como são usados no senso comum e nos discursos diários (MARKOVA, 2006).

As representações sociais são descritas por Franco (2002) como elementos simbólicos que os homens expressam mediante o uso de palavras ou gestos. É através da expressão de nossas ideias que nos fazemos entender perante a sociedade, aos indivíduos.

Araya Umaña (2002) destaca que as representações sociais são fáceis de captar, entretanto, devido à complexidade dos fenômenos de que dão conta, sua definição conceitual torna-se mais complexa. Nas palavras de Moscovici (2009, p. 21),

representação social é um sistema de valores, idéias e práticas, com uma dupla função: primeiro estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social.

O conceito desenvolvido por Franco (2002, p. 170) pode também auxiliar para melhor compreensão:

As representações sociais são elementos simbólicos que os homens expressam mediante o uso de palavras e de gestos. No caso do uso de palavras, utilizando-se da linguagem oral ou escrita, os homens explicitam o que pensam, como percebem esta ou aquela situação, que opinião formulam acerca de determinado fato ou objeto, que expectativas desenvolvem a respeito disto ou daquilo... e assim por diante. Essas mensagens, mediadas pela linguagem, são construídas socialmente e estão, necessariamente, ancoradas no âmbito da situação real e concreta dos indivíduos que as emitem.

A TRS é uma maneira particular de focar a construção social da realidade, buscando compreender os modos de conhecimento e os processos simbólicos em relação à conduta. Uma condição relevante para as representações é a identificação do contexto social das pessoas que as elaboram, pois se busca detectar a ideologia, as normas e os valores das pessoas, instituições e grupos. (ARAYA UMAÑA, 2002).

O conhecimento científico observa Moscovici (2000), é estudado a partir do ponto de vista de seus produtos.

Marková (2006) diz que a teoria das representações sociais pressupõe que os conteúdos e os significados das representações sociais são estruturados, e que o objetivo da teoria é o de identificar, descrever e analisar estes conteúdos e estes significados estruturados.

Percebe-se que a partir das escolhas teórico metodológicas, pode-se obter mediante o discurso dos bibliotecários, informações para reflexão e ação, abrindo caminho para a possibilidade de expansão das teorias e práticas. Em consonância com estas escolhas, elegeu-se alguns procedimentos metodológicos para a efetivação da pesquisa que serão esboçados a seguir.

3 INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia estabelece os caminhos a serem seguidos para se efetuar uma pesquisa ou um estudo.

Segundo Marconi e Lakatos (2007), a metodologia é diretamente relacionada com o problema a ser estudado. A escolha desta metodologia dependerá de vários fatores relacionados com a pesquisa e a natureza dos fenômenos, o objetivo da pesquisa, os recursos financeiros e outros elementos que possam surgir no campo da investigação.

Conforme Minayo (2001, p.44) metodologia é

(...) a) como a discussão epistemológica sobre “o caminho do pensamento” que o tema ou objeto da investigação requer; b) como a apresentação adequada e justificada dos métodos, técnicas e dos instrumentos operativos que devem ser utilizados para as buscas relativas às indagações da investigação; c) e como a “criatividade do pesquisador”, ou seja, a sua marca pessoal específica na forma de articular teoria, métodos, achados experimentais, observacionais ou de qualquer outro tipo específico de resposta as indagações específicas.

A seguir, serão descritos o tipo de pesquisa, seus participantes, os instrumentos empregados na coleta de dados e a relevância da ética na pesquisa.

3.1 Tipo de pesquisa

Esta é uma pesquisa qualitativa com caráter exploratório, onde os entrevistados são estimulados a pensar livremente sobre o tema proposto, não requer técnicas específicas e nem quadros estatísticos, o pesquisador é o instrumento chave para a coleta de dados.

A pesquisa qualitativa conforme Flick (2009, p. 20, 23) “é de particular relevância ao estudo das relações sociais” e seus aspectos essenciais

[...] consistem na escolha adequada de métodos e teorias convenientes no reconhecimento e análise de diferentes perspectivas; nas reflexões dos pesquisadores a respeito de suas pesquisas como parte do processo de produção de conhecimento; e na variedade de abordagens e métodos.

Flick (2009) destaca que existem três linhas de abordagens principais inerentes à pesquisa qualitativa que se diferenciam por seus objetos específicos de pesquisa e pelos métodos empregados. A primeira extrai pontos de referencial teórico do interacionismo simbólico e da fenomenologia, a segunda apoia-se na

etnometodologia e no construcionismo e a terceira abarca as posturas estruturalistas ou psicanalíticas que envolvem estruturas e mecanismos psicológicos inconscientes e configurações sociais latentes. Pode-se enfatizar que as três se aplicam a proposta deste estudo que desponta como pesquisa essencialmente do tipo qualitativa.

A pesquisa qualitativa torna-se um processo contínuo de construção de versões de realidade, cujo foco não é apenas o fenômeno estudado em si, mas o relato ou o discurso do sujeito de pesquisa sobre o fenômeno vivido ou presenciado por ele e que esse é o verdadeiro objeto da pesquisa. (FLICK, 2009)

Através deste relato ou discurso, o pesquisador irá dar também sua versão sobre os fatos relatados.

A pesquisa qualitativa estuda o conhecimento e as práticas dos participantes. [...] As inter-relações são descritas no contexto concreto do caso e explicadas em relação a este. A pesquisa qualitativa considera que pontos de vista e práticas no campo são diferentes devido às diversas perspectivas subjetivas e ambientes sociais a eles relacionados (FLICK, 2009, p. 28)

Conforme Flick (2009) a metodologia para uma determinada pesquisa deve estar amparada, em primeiro lugar, na pergunta de pesquisa.

3.2 Participantes da pesquisa e instrumentos de coleta de dados

Como participantes da pesquisa figuram os bibliotecários atuantes na Biblioteca Pública de Santa Catarina, profissionais que concluíram sua formação universitária em Biblioteconomia e possuem registro no Conselho Regional de Biblioteconomia (CRB).

Para o levantamento dos dados foram utilizados questionário (apêndice A) e a entrevista (apêndice C). O questionário dará conta de resgatar dados complementares sobre o entrevistado e seu trabalho na BPSC. Já a entrevista, representa para este estudo o principal instrumento de coleta de dados por ser o instrumento no qual serão resgatadas as representações, os discursos dos entrevistados. Para orientações no período da coleta, tratamento e análise das narrativas, foi utilizada a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)(apêndice E), que constitui um método que vem sendo desenvolvido na Universidade de São

Paulo (USP) desde o final da década de 1990, para as pesquisas de opinião, de representação social, que tenham como material de base depoimentos ou outros suportes de material verbal, como matérias de revistas, jornais, entre outros (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012).

O Discurso do Sujeito Coletivo é uma técnica que permite o resgate de pensamentos coletivos. Fernando Lefèvre e Ana Maria Cavalcanti Lefèvre criaram-no como um instrumento que sustenta a busca de várias falas individuais e permite transformá-las em uma fala coletiva.

Lefèvre e Lefèvre (2012) afirmam que a proposta do DSC é buscar entender a fala direta para a dimensão subjetiva das representações sociais, dimensão vista tradicionalmente como incapaz de se comunicar, permanecendo na terceira pessoa.

[...] consiste, então, numa forma não-matemática nem metalingüística de representar (e de produzir), de modo rigoroso, o pensamento de uma coletividade, o que se faz mediante uma série de operações sobre os depoimentos, que culmina em discursos-síntese que reúnem respostas de diferentes indivíduos, com conteúdos discursivos de sentido semelhante. (LEFEVRE; LEFEVRE, 2009, p. 25).

O resgate do pensamento de uma coletividade sobre determinado objeto de estudo por meio de pesquisa social empírica, só é legitimado pela manifestação linguística, ou seja, pelo depoimento discursivo, pelo posicionamento. Este depoimento é composto por uma ideia central e seus conteúdos e argumentos. (Silva, 2012).

Conforme Lefèvre e Lefèvre (2006), o DSC resgata opiniões coletivas, que desembocam em conjunto de discursos, num complexo processo que inclui vários momentos, mediante várias operações efetuadas sobre o material verbal extraído das pesquisas. Busca resolver impasses encontrados pelo pesquisador quando precisa processar depoimentos em casos de pesquisa do tipo qualitativa, que utiliza perguntas abertas, suscitando a narrativa.

Os trabalhos com o DSC em sua maioria, usam como “matéria prima” depoimentos provenientes de entrevistas em que os respondentes são por meio de questões abertas convidados a expor livremente seu pensamento sobre o tema pesquisado (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012)

No DSC, é através do discurso de vários indivíduos e a livre expressão de seus depoimentos possíveis mediante perguntas abertas, que se chega ao discurso coletivo. Entretanto, para isso, é preciso acreditar que é possível produzir uma soma de vários discursos. (LEFEVRE; LEFEVRE, 2005).

A técnica consiste na análise do material coletado dos depoimentos dos entrevistados de onde é possível a extração das ideias centrais e/ou ancoragens e suas correspondentes expressões-chave. A partir das expressões-chave das ideias centrais e/ou ancoragens semelhantes compõem-se um ou vários discursos-síntese da qual se revela o Sujeito Coletivo. Este Sujeito se expressa na primeira pessoa (coletiva) do singular, pode-se considerar um “eu sintático”, que simultaneamente indica a presença de um sujeito individual do discurso e fala pela ou em nome de uma coletividade. (LEFEVRE; LEFEVRE, 2005).

As perguntas precisam obedecer a certas regras de coerência, sendo eficientes e eficazes para que se consiga assim alcançar o objetivo pretendido com o tema a ser pesquisado. Araya Umaña (2002) destaca três níveis relacionais que determinam o sentido do discurso gerado a partir da entrevista: o contrato comunicativo, a interação verbal e o universo social de referência.

Lefèvre e Lefèvre (2005) ressaltam alguns cuidados que devem ser considerados na elaboração de um roteiro de entrevista: formular objetivos almejados antes da elaboração da questão; evitar questões que produzam representações cognitivas e promover as que incitem representações comportamentais ou atitudinais; evitar questões com respostas induzidas; não fazer perguntas somente com o objetivo de produzir reações emocionais; não fazer perguntas que não estimulem discursos; não fazer perguntas inadequadas; não fazer perguntas incompreensíveis em seu enunciado.

A pergunta ideal possui a capacidade de levar o entrevistado a produzir discurso, a responder o que acha e não o que o entrevistador deseja, revela nas suas respostas um conteúdo com exatidão para a investigação do pesquisador, é apropriada e compreensível para o entrevistado e deve ser pré-testada em indivíduos equivalentes aos da pesquisa proposta. (LEFEVRE; LEFEVRE, 2005).

A entrevista possui um caráter paradoxal, pois é utilizada para que produza um discurso de caráter pessoal e íntimo. Ao se produzir, deixa de ser

íntima. (ARAYA UMAÑA, 2002). A partir desta última afirmativa, percebe-se ainda mais a relevância da questão ética para uma pesquisa.

3.3 Ética na pesquisa

A ética na pesquisa é fundamental no planejamento e execução da pesquisa (FLICK, 2009). Por esse motivo, como postura ética na pesquisa, é relevante que a mesma seja baseada no consentimento, ou seja, aprovação dos participantes com base nas informações fornecidas pelos pesquisadores.

Conforme Flick são algumas exigências dos códigos de ética (2009 p.51)

que a pesquisa esteja baseada no consentimento informado, ou seja que os participantes da pesquisa concordem em participar do estudo com base nas informações fornecidas pelos pesquisadores e também que a pesquisa evite prejudicar os participantes, ou seja, não invadir sua privacidade e nem engana-los quanto aos objetivos da pesquisa.

Os entrevistados participaram da pesquisa com ciência do objetivo do estudo. Antes da aplicação dos questionários de entrevista foram entregues aos entrevistados a cópia do projeto para leitura e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para a assinatura (apêndice B).

A ética faz parte da vida cotidiana e não é diferente na esfera da pesquisa científica. Flick (2009) afirma que a ética na pesquisa vem à tona, principalmente, para garantir a proteção dos interesses dos entrevistados e em função da possibilidade de manipulação dos dados.

4 RESULTADOS E ANÁLISE

Neste capítulo serão apresentados os perfis dos entrevistados, o DSC final e a análise do DSC.

4.1 Perfil dos entrevistados

Para esta pesquisa foram entrevistados seis bibliotecários que trabalham na BPSC em diversos setores. Foi aplicado um questionário com os entrevistados podendo-se constatar que eram em sua maioria mulheres, com idades que variam de 25 a 45 anos, sendo quatro dos pesquisados nascidos no Estado de Santa Catarina e dois em outros estados. Todos possuem Graduação Superior como Bibliotecários e cadastro junto ao CRB 14° Região. Quanto ao tempo de serviço junto a BPSC cinco deles trabalham a menos de cinco anos nesta Biblioteca.

Cinco dos seis entrevistados não possuem outro curso Superior além de Biblioteconomia. Um possui também o curso superior em Administração Pública. Dois possuem mestrado, e três possuem curso de Especialização. Entre os entrevistados quatro deles já atuaram em outras áreas fora Bibliotecas e dois deles somente trabalharam em Bibliotecas.

As entrevistas foram realizadas durante o mês de agosto de 2014 em horários agendados previamente com os entrevistados conforme disponibilidade de tempo, junto ao seu setor de trabalho na BPSC.

Todos os entrevistados concordaram em participar da pesquisa após uma autorização prévia da Bibliotecária responsável pelo setor Administrativo da Biblioteca.

4.2 O DSC final

O DSC final é um discurso que foi organizado a partir das narrativas dos bibliotecários da BPSC, podendo-se extrair expressões-chave e, posteriormente, estabelecer ideias centrais (ver Apêndice E) . Em seguida, as ideias centrais de mesmo sentido foram agrupadas para dar origem ao DSC final.

Para Lefrèvre (2005) o DSC é como se uma pessoa só falasse por um

conjunto de pessoas, trata-se de uma construção artificial.

As reticências entre colchetes [...] foram empregadas para representar supressão de termos, as frases em negrito foram utilizadas para dar encadeamento ao discurso sem inferir em seu conteúdo.

A seguir apresenta-se a soma destes discursos.

No meu entendimento ação cultural [...] é tudo que incentive as pessoas, as crianças, adultos, jovens a utilizarem a biblioteca [...] atrair novas pessoas para a biblioteca [...] um movimento onde a gente possa integrar, acho que comunidade escolar, população em geral em ações de cultura [...] incentivo à leitura, atividades que a biblioteca desenvolve com o objetivo de incentivar a leitura, de interagir com os usuários [...] espaço cultural é tudo que fomente esta ação [...] atividades, que são desenvolvidas no âmbito interno ou externo de qualquer instituição, que tem o foco [...] em diversas linguagens artísticas e culturais, dança, música, teatro, atividades de leitura. [...] voltado à essa [...] toda a manifestação que é desenvolvida em qualquer organização pra trabalhar as várias culturas, e também trabalhar elementos das culturas, [...] ação cultural é ação que desenvolve elementos da cultura pra sociedade, algo que é desenvolvido pensando o cidadão, falando no nosso caso especificamente em biblioteca, nosso usuário, o leitor, [...] **Ao longo de minha vida** só vim conhecer mesmo este tipo de ação quando eu entrei na faculdade aqui em Florianópolis [...] não é o meu foco mas eu tive bastante contato, a gente teve que fazer apresentações de teatro [...] eu comecei a trabalhar assim, ação cultural que eu tive mais presente, foi quando eu trabalhei na Prefeitura de Florianópolis [...] eu trabalhava com artesanato local, daqui de Florianópolis [...] aqui na biblioteca pública, quando eu entrei [...] ainda aconteciam algumas coisas, muito poucas, no setor infanto-juvenil [...] a gente até tentou [...] fazer outros projetos, mas com a troca da presidência da Fundação Catarinense de Cultura, a gente foi barrado, então, tudo o que existia na Biblioteca Pública, foi, tirado fora, não existe mais, até hoje não existe mais nenhum, nenhuma ação cultural na Biblioteca Pública [...]. Desenvolvi algumas atividades de ações culturais no campo de leitura, principalmente em feiras de livros, [...] eram atividades culturais [...] relacionadas ao meio ambiente [...] desenvolvi também um projeto de educação patrimonial, que era em fotografias, sobre a cidade, ai retratava casarios, retratava arquitetura, mudanças

*paisagísticas, a cidade [...] eu cheguei, comecei a conhecer a biblioteca como um todo, direção, setor técnico, setor de Santa Catarina, por que tudo isso eu posso desenvolver ação, o setor de obras raras, ai fui pra literatura, tem braile, periódicos [...] como que eu vou fazer a interação da comunidade com esse material, no primeiro dado, as obras gerais também, tem computador [...] também trabalhei no setor infantil [...] mantemos durante todo o ano de 2010 eu trabalhei, com ação cultural [...] Também acontecia o Hall a semana do troca troca, [...] continuei com aula de piano, que é da época da UDESC também[...] eu fiz uma oficina aqui na biblioteca em parceria com a ACB, Associação de Bibliotecários, foi somente uma edição, [...] também fizemos oficina de criação de bonecos, pra usar na contação de história, e era feito de material reciclado, [...] no ano seguinte [...] foi ofertado pra eles uma oficina de contação de história, onde puderam, ou não, usar o boneco, que eles criaram. [...] Fizemos festa de aniversário da biblioteca, fizemos dia do livro da biblioteca, tudo com contação de história, dança, recital de poesia. Fizemos a oficina literária, “Letras no jardim” [...] o público vinha pra aprender a escrever romance, poesia [...]. Nas festas, a gente contava muito com a participação do, de um usuário da biblioteca, que ele tem deficiência visual, ele é cego, ele toca flauta, clarinete, e mais um instrumento de sopro [...] algumas pessoas passavam na rua, viam, entravam, aí tinha, recital de poesia, tinha dança, tinha contação de história [...] Muitas dessas pessoas voltaram, frequentaram o infantil, por que eles vêm muito, os pais vêm com os filhos pra ouvir contação de história, e acabam vindo fazem a carteirinha levam gibis, veem livros, frequentam, ficam lendo um [...] [...] veio com a oficina literária “Boca de leão”, que desde 2012 ela trabalha com essa oficina, pra desenvolver a escrita de contos [...] hoje, 2014 o que a biblioteca pública tem de ação cultural, visita de escola com contação de história, [...] Sempre fui bastante envolvida [...] desde a época de colégio eu gostava de participar de apresentações na escola [...] atividades de leitura [...] passeava pra museus, as vezes a professora orientava a gente nas bibliotecas, mostra de filme [...] fora isso, gosto também de mexer com artesanato [...] tanto pra meu crescimento, quanto pra trabalho voluntário [...]. **Quanto às experiências na BPSC** não cheguei a participar [...] vi, soube, de algumas que aconteceram, mas não me envolvi em nenhuma [...] logo já terminou assim, teve momentos assim, aniversario da biblioteca, semana do livro [...]*

contação de histórias, teve apresentação cultural de alguma dança, mas [...] não tive participação não em nenhuma delas [...] no setor infanto-juvenil, nunca teve um [...] na biblioteca pública a gente teve semana de livro e literatura, a gente tem, teve a uns anos, a celebração do dia do bibliotecário [...] foram só contação de história, e a biblioteca desenvolve a oficina boca de leão [...] [...] fazíamos também uma atividade aos sábados, que era, uma vez no mês aos sábados, que era “Porque hoje é Sábado”, onde nós fechávamos a rua Tenente Silveira na frente, e ali vinham crianças, crianças e adolescentes, e a gente fazia atividades com pinturas, dramatização... [...] leitura [...] vinculava muito ao setor infantil [...]. Participei [...] principalmente nos anos 80 (oitenta), 80 e parte de 90 (noventa), que eram cinema, nós fazíamos projeções de filmes, diversos gêneros [...] e uma ação que eu lembrei, era a sessão de cinema as quartas feiras, era intitulado, apaixonadas por cinema. [...] era um grupo grande de senhoras, e que elas mesmas escolhiam o filme que elas queriam ver, elas viam, discutiam questões que eram despertadas pelo filme, e escreviam um texto. [...] [...] a gente trouxe palestrantes, a gente deu palestra, e a gente botou a biblioteca em pauta, [...] as pessoas vieram pra biblioteca pra outras funções que eu acredito que fazem parte dessa ação cultural, eu to transformando a biblioteca num agente cultural levando cultura diferente pras pessoas [...] teve outra época de vestibular que a gente trouxe alguns autores catarinenses e que então fizeram palestras pros os alunos de vestibular sobre os livros que iam cair na UFSC [...] a gente tinha dois grupos de leitura, que é o livros no jardim, [...] Participei de visita guiada, pelos polos [...] [...] como eu já comentei fizemos comemoração de dia dos pais, comemoração de dia das mães, comemoração dia dos namorados [...] uma ação de contação de história, música com flautas, dança. Entre esses eventos [...] ocorreu ao longo do ano, as visitas foram as maiores, semanais, com muita contação de história, [...] além de contar história, mostrava o livro, dizia que tava no acervo no setor infantil, que eles podiam fazer carteirinha, levar [...] voltar com os pais, renovar [...] participei também da criação da oficina de dança, [...] [...] outra ação que acontecia aqui eram discussões sobre filosofia, [...] [...]. a minha participação, agendar, ver o público, direcionar a divulgação pra alguns públicos e também divulgar pra comunidade, colocar um cartaz [...]. Oficina de encadernação, bonequeiro [...] era muito rico, o momento da ação cultural, por que variava, não

ficava só na contação de história, então só na escrita, não ficava no universo da escrita e do livro. Ela ia pra musica, ela ia pro teatro, ia pra dança, era muito rico, variado. Alguns, como eu comentei, alguns momentos nós precisamos parar, e voltamos em outros. Agora volta-se aos poucos. Temos hoje a oficina literária Boca de Leão, com a escrita de contos, e ela já abre uma outra oficina que é a contação de história, contadores de história, então ela abriu uma academia de contadores de história, primeira academia do Brasil. [...]. Aos poucos estamos voltando. Visitas guiadas são agendadas, uso do auditório também é agendado. **Quanto à importância das atividades promovidas pelas bibliotecas públicas** [...] muitas dessas atividades, [...] a gente teve que correr atrás de público, [...] teve a semana do livro e da literatura, teve contação de história, teve teatro com [...] a gente tinha que ir no colégio correndo arrecadá-los para trazer para esse lado por que senão o publico era zero, então eu acho que essas ações culturais, elas tem que ser uma coisa contínua, elas não podem ser pontuais [...] eu acho que é muito importante, assim, essa busca pelo novo, essa conquista, e é uma conquista muito difícil, conquistar as pessoas a ler, bem difícil. [...] acho que ela tem que ser voltada pra livro e literatura, né, não qualquer ação, tem outras bibliotecas que fazem curso de corte e costura, não estou criticando né, [...] pela experiência, que quando eu entrei na biblioteca, havia alguns cursos de pintura, de musica, as pessoas entravam faziam o curso e saiam, então, a gente trazia as pessoas pra dentro da biblioteca, mas elas vinham pontualmente fazer essas atividades, e não desenvolviam o gosto pela leitura, o despertar pelo que a gente tinha no acervo, então eu acho que, esse projeto de ação cultural dentro da biblioteca tem que ser voltado pra o livro e literatura e por movimento de ler também, de trazer também, á biblioteca, trazer escolas, fazer casar a contação de historias com os livros cobrados em sala de aula, de ficha de leitura, [...] o acesso a informação, ela deve proporcionar a toda coletividade uma série de ações voltadas nessa parte de circulação de produtos culturais [...] algumas bibliotecas também que promovem cursos, [...] profissionalizantes de artes, também não só voltado a leitura, [...]. [...] pras identidades culturais, eeh...essas bibliotecas, os trabalhos de leituras [...] que são feitos também [...] dramatizações, teatro, juntando teatro, juntando também [...] saraus musicais né. Eu vejo que a biblioteca tem esse campo, tem essa obrigação

de ser um centro aberto [...] de difusão [...] principalmente da parte cultural [...] [...] acho que é oportunizar, primeiramente inclusive bibliotecas públicas é um público que a gente tem bem geral, heterogêneo, de levar essas ações a essas pessoas que não teriam essa oportunidade, aqui na biblioteca na semana do livro e na semana da criança, a gente tem apresentação de teatros, então vem creches, centro infantil, bem carentes, então que eles não teriam essa oportunidade de assistir a uma peça de teatro se não fosse aqui [...] então acho isso é importante [...] então de trazer, de aproximar o povo a essa cultura [...] [...] é um momento em que a biblioteca deixa de ser vista como uma guardadora de livros, e mostra que nós temos uma infinidade de ações que podem ser desenvolvidas pra, não atrair o público, mas pra entreter o público, por que os nossos usuários, eles são: moradores de rua, senhores e senhoras aposentados, estudantes [...] acho que é oportunizar [...] [...] então, nós precisamos atender, não só o estudante com livros didáticos, ou livros técnicos, ou então só os aposentados, ou estudantes, ou os que, como um entretenimento, com música, por que a comunidade gosta de música, [...] A exposição era um momento, eu, achava muito rico, por que as exposições tavam ali, as pessoas tavam passando na rua e entravam, [...] saía, voltava, as vezes voltavam com outras pessoas. Eu acredito que é um momento assim, de entretenimento, e de as pessoas entrarem e saírem pra poder usufruir do espaço, eu estou falando da biblioteca, de ações realizadas na biblioteca. [...] Existem outras ações acontecendo, existe momento de discussão, de temas! Existe momento de reunião pra aprender, pra socializar! É um momento que você pode se divertir! [...] Eu vejo com essa importância, por que você conhece pessoas, você cria, você participa de criações, você assiste, você ouve. Vários estímulos são despertados neste momento [...]. **Quanto as minhas experiências com usuários que participaram de ações culturais dentro da BPSC** [...] fui fazer uma oficina de conservação de acervo, em papel, e nessa oficina, muita gente não conhecia a biblioteca pública, por que era no Estado inteiro, eu como funcionária daqui, tive a ideia, dei a sugestão de irmos conhecer a biblioteca [...] de fazer uma visita guiada com esse pessoal [...] a visita guiada é outra coisa que já não existe mais aqui na biblioteca, existia, mas hoje não existe mais, e, a surpresa deles, de conhecer, de saber o que tem aqui dentro, foi tão grande, que muita gente que mora em locais assim, muito longe daqui, começaram

a fazer seu cadastro, e a pegar livro, arrumar um jeito de entregar de volta [...] percebi em uma outra biblioteca que eu trabalhava que, quando a gente fazia mais atividades com livros, [...] eles procuravam mais livros depois na biblioteca, eles perguntavam mais, se interessavam, [...] mas aqui na biblioteca eu vejo que, [...], é mais a contação de história, e, é pra criança de 5 a 10 anos, então, eu vejo que eles tem a curiosidade de buscar o livro que conta essa história que ta sendo contada na contação de história, então eles tem essa necessidade de ver o livro [...], quando a contação de história é vinculada ao livro [...] eles tem esse interesse de buscar o livro, de ver o livro [...] a parte física da história.[...] Tem um projeto, [...] era um trabalho que era desenvolvido na biblioteca, [...] que era pela Fundação Catarinense de Cultura [...] Era o projeto Autor Escola, onde levava nas escolas [...].e também em outros ambiente, mas, e também na biblioteca a aproximação entre o leitor e o escritor [...] eu lembro também que dos trabalhos, que eu peguei esse período aí na primeira parte de 90 quando a biblioteca tinha o carro biblioteca, que fazia as circulações em comunidades, levando leitura e também fazendo algumas, às vezes levava algum sketch de teatro [...] são projetos [...] que marcaram, e que desapareceram [...] [...] eu não me envolvi na organização mas vi as crianças vindo aqui, e vi assim, a alegria, [...] ficaram deslumbrados em ver assim, uma pequena peça teatral do [...] no nosso auditório, e ficaram encantados [...] pra gente é tão comum [...] e, pra eles, assim, foi incrível, [...] são vários momentos que a gente tem retorno do usuário, Mas o que me chamou atenção, foi que numa dessas visitas de escola, veio uma menina, com a mãe, [...] Essa menina veio, conheceu a biblioteca, e, adotou a biblioteca [...]. [...] Ela participou de algumas oficinas de contação de história, por que ela sentava e ouvia, a oficina acontecia no setor infantil e ela ali. [...] mas são , tem questões assim que entristecem, [...] a política te diz que você não pode mais fazer! [...] tu empolgado, cheio de projeto, a agenda cheia, e eu não posso mais fazer. Então, isso foi o que me desmotivou

4.3 Análise do DSC

A análise do DSC tem como objeto de estudo o próprio discurso. Apresenta-se como um entrecruzamento de diversos campos disciplinares, com

destaque para a linguística, o materialismo histórico (por situar a linguagem na história) e a psicanálise (que introduz a noção de sujeito discursivo) (FERNANDES, 2008; ORLANDI, 1999). Esta análise pretende refletir sobre as questões relevantes para a pesquisa e que ficaram expostas na “fala” deste sujeito coletivo.

4.3.1 Ação cultural: o que expressam os bibliotecários que atuam na BPSC?

O sujeito coletivo atrelou o conceito de ação cultural ao seu espaço de atuação. *No meu entendimento ação cultural [...] é tudo que incentive as pessoas, as crianças, adultos, jovens a utilizarem a biblioteca [...] atrair novas pessoas para a biblioteca [...] um movimento onde a gente possa integrar, acho que comunidade escolar, população em geral em ações de cultura.* Ação cultural para Milanesi (2003) caracteriza-se pela presença de três verbos: informar, refletir e criar. O sujeito coletivo em seu discurso relaciona ação cultural às [...] *atividades que são desenvolvidas no âmbito interno ou externo de qualquer instituição, que tem o foco [...] em diversas linguagens artísticas e culturais, dança, música, teatro, atividades de leitura. [...].* De fato, a ação cultural toma emprestados os universos da arte, e a operação com os princípios da prática em arte são vitais para a mesma, como menciona Coelho (2001).

A ideia de interação fica explícita na definição de ação cultural por parte do sujeito coletivo. Conforme seu discurso ação cultural refere-se a [...] *atividades que a biblioteca desenvolve com o objetivo de incentivar a leitura, de interagir com os usuários [...] espaço cultural é tudo que fomenta esta ação [...] toda a manifestação que é desenvolvida em qualquer organização pra trabalhar as várias culturas, e também trabalhar elementos das culturas, [...].* A biblioteca deve abrir seu espaço para que aconteça a troca de ideias, de informações, os grupos de discussões sobre temas de interesse da comunidade, contando com a participação organizada de grupos comunitários. (BIBLIOTECA NACIONAL, 2000). Coelho (2001) também enfatiza essa ideia, ao mencionar que a ação cultural tem sua fonte na produção simbólica de um grupo.

Quando se fala em ação cultural pode-se associar este termo a uma maneira de chamar a atenção para a biblioteca por meio destas ações, divulgar a

biblioteca, pensando sempre no cidadão que a frequenta [...] *ação cultural é ação que desenvolve elementos da cultura pra sociedade, algo que é desenvolvido pensando o cidadão [...]*. Para Silva (1991) ação cultural não se limita a mostrar os bens culturais, ela possibilita a participação das pessoas na produção destes bens. Coelho (2001) faz relação semelhante ao resgatar os momentos distintos da história da ação cultural. O autor destaca duas tendências: a primeira valorizava a obra de arte em si, os produtos culturais em si e a segunda, representando uma evolução no entendimento do termo, a “pedagogia de transformação de indivíduos isolados em grupos estruturados”, com membros compartilhando o mesmo conjunto de valores.

Para o sujeito coletivo a ideia de ação cultural associada ao usuário é que *possa ser levado a ele o tipo de informação também, através de diversas culturas, diversas ações [...]*. Ação cultural pode ter diversos grupos de ação, com interesses comuns, que remetem a ideias de implementação de atividades como teatro, cinema, exposições, cursos, contação de histórias, feiras do livro, entre muitos outros eventos, visando atrair o público em suas mais diversas formas para a biblioteca. À biblioteca, cabe desenvolver essas ações pensando no cidadão, permitindo que o mesmo participe destas ações em suas mais diversas maneiras.

4.3.2 As vivências de ações culturais ao longo da vida

O sujeito coletivo destaca na sua fala que conheceu ação cultural quando iniciou seus estudos universitários: *quando eu entrei na faculdade aqui em Florianópolis [...] foi ali que eu entrei nesse mundo não é um mundo que eu me adapte, não é um mundo que faz parte do meu eu profissional [...] não é o meu foco [...]* Também, outro ambiente favorável ao contato com ação cultural demonstrado no discurso foi o ambiente de trabalho, na biblioteca pública: *Eu tive envolvimento com ação cultural, aqui na Biblioteca Pública, que foi o mais forte [...]*. A escola também demonstrou ser um ambiente de vivências com ações deste tipo através da seguinte fala: *Sempre fui bastante envolvida [...] desde a época de colégio eu gostava de participar de apresentações na escola [...]*.

Destaca-se que o sujeito coletivo não trouxe em seu discurso lembranças do período de infância sobre alguma vivência com ação cultural. Segundo Reis

(1984), a família deve ser a principal mediadora entre o indivíduo e a sociedade, onde aprendemos a perceber o mundo. Berger e Luckmann (2007), ao tratar sobre a socialização primária, afirmam que esta é a primeira socialização que o indivíduo experimenta, e em virtude da qual torna-se membro da sociedade. Na socialização secundária, caracterizados por ambientes como trabalho e escola, o formalismo e o anonimato estão evidentemente ligados ao caráter afetivo das relações sociais na sociedade.

4.3.3 As experiências do sujeito coletivo com ações culturais promovidas pela BPSC

No decorrer do discurso do sujeito coletivo, percebe-se que em seu entendimento, os movimentos de ação cultural tiveram grande importância dentro daquele espaço. [...] *Muitos vinham para a BPSC apenas por curiosidade e acabavam voltando [...] algumas pessoas passavam na rua, viam, entravam [...] e acabam vindo, fazem a carteirinha levam gibis, veem livros, frequentam, ficam lendo um [...].* Seu impacto sobre eles, na sua maioria foi muito significativo [...] *a gente trouxe palestrantes, a gente deu palestra, e a gente botou a biblioteca em pauta, [...] as pessoas vieram pra biblioteca pra outras funções que eu acredito que fazem parte dessa ação cultural, eu to transformando a biblioteca num agente cultural levando cultura diferente pras pessoas [...].* Para Almeida Junior (1997, p. 23) a biblioteca pública é intrinsecamente ambígua, ou seja, ao mesmo tempo em que atende aos interesses principalmente ideológicos (...), a biblioteca pública pode propiciar espaços, brechas para a contestação e o desnudamento daqueles interesses, abrindo-se como um dos locais adequados para a expressão das classes populares, e convertendo-se em palco privilegiado de confronto e ideologias. A biblioteca se transforma em um local de encontros onde todos podem se expressar e participar das atividades oferecidas, e muitas vezes o usuário também se transforma em um agente cultural.

Percebe-se que no discurso o sujeito destaca a contação de histórias como uma atividade de ação cultural relevante dentro da BPSC: *eles tem a curiosidade de buscar o livro que conta essa história que ta sendo contada na contação de história, então eles tem essa necessidade de ver o livro [...], então se a*

contação de história é vinculada a alguma literatura eles tem [...] esse interesse de buscar o livro, de ver o livro [...] a parte física da história, [...] dizia que tava no acervo no setor infantil, que eles podiam fazer carteirinha, levar [...] voltar com os pais, renovar [...]. Para Souza e Bernardino (2011), a escuta de histórias estimula a imaginação, educa instrui, desenvolve habilidades cognitivas, dinamiza o processo de leitura e escrita [...], assim pode-se ver que a biblioteca pública através de suas ações como a contação de histórias dentro do seu espaço, tem uma importante participação neste processo.

As experiências vividas pelo sujeito coletivo são diversificadas [...] na biblioteca pública a gente teve semana de livro e literatura, a gente tem, teve ha uns anos, a celebração do dia do bibliotecário [...] a gente trouxe palestrantes, a gente deu palestra, e a gente botou a biblioteca em pauta, [...] as pessoas vieram pra biblioteca pra outras funções que eu acredito que fazem parte dessa ação cultural, eu to transformando a biblioteca num agente cultural levando cultura diferente pras pessoas [...] teve outra época de vestibular que a gente trouxe alguns autores catarinenses e que então fizeram palestras pros os alunos de vestibular sobre os livros que iam cair na UFSC [...]. A democratização da informação requer, necessariamente, além do conhecimento e da integração da biblioteca com a comunidade a quem deve servir, a disseminação e o acesso dos usuários às informações presentes ou não no acervo da biblioteca (ALMEIDA JUNIOR, 1997, p. 59). A incapacidade de distinguir entre o processo cultural e o processo educativo será a principal responsável pelo aparecimento de centros de cultura [...] e, no lugar do espaço aberto à criação aparecem as palestras, os debates e, acima de tudo, os cursos (COELHO, 2001). O sujeito coletivo destaca que *o acesso a informação, ela deve proporcionar a toda coletividade uma série de ações voltadas nessa parte de circulação de produtos culturais [...].*

O sujeito em seu discurso consegue transmitir muitas vezes suas emoções ao relembrar esses momentos marcantes: *participei [...], principalmente nos anos 80 (oitenta), e parte de 90 (noventa), que eram cinema, nós fazíamos projeções de filmes, diversos gêneros.* O acesso a um filme pode oferecer um estímulo à reflexão e ao desejo de se conhecer mais sobre o assunto (MILANESI, 2003): *fazíamos também uma atividade aos sábados, que era, uma vez no mês aos*

sábados, que era “Porque hoje é Sábado”, onde nós fechávamos a rua Tenente Silveira na frente, e ali vinham crianças, crianças e adolescentes, e a gente fazia atividades com pinturas, dramatização. [...] leitura [...] vinculava muito ao setor infantil [...]. Para Milanesi (2003, p.248) no espaço cultural as atividades destinadas às crianças serão um estímulo à criatividade, por meio de vários recursos, incluindo as expressões dramáticas e plásticas.

4.3.4 A contribuição das atividades culturais promovidas pelas bibliotecas públicas

O sujeito coletivo afirmou que ação cultural dentro da biblioteca, é um movimento que atrai novos usuários para este espaço, muitas vezes movidos pela curiosidade em ver o que está acontecendo *teve a semana do livro e da literatura, teve contação de história, teve teatro [...], [...] eu acho que é muito importante, assim, essa busca pelo novo, essa conquista, e é uma conquista muito difícil [...].* A capacidade de informar de um espaço de Cultura deve não só atender à demanda, mas caracterizar-se como um serviço que vai além da expectativa do público (MILANESI, 2003, p. 248).

A ação cultural dentro da biblioteca vem para trabalhar com os diversos tipos de culturas [...] *voltado a essa dinamização de circulação de bens e produtos culturais [...] toda a manifestação que é desenvolvida em qualquer organização pra trabalhar as varias culturas, e também trabalhar elementos das culturas [...].* Segundo Cunha (2002) a biblioteca pública tem o papel de ser a instituição capaz de contribuir para o contato e o cultivo de valores humanos, estimulando à convivência com outras culturas, levando ao conhecimento das raízes culturais, e o desenvolvimento de culturas locais.

O relato do sujeito coletivo destaca que se deve criar oportunidades para todos ao mencionar: [...] *Eu vejo que a biblioteca tem esse campo, tem essa obrigação de ser um centro aberto [...] de difusão [...] principalmente da parte cultural [...][...] acho que é oportunizar, primeiramente inclusive bibliotecas públicas é um publico que a gente tem bem geral, heterogêneo, de levar essas ações a essas pessoas que não teriam essa oportunidade[...]* O manifesto da UNESCO (1994) deixa isso bem claro quando diz que a biblioteca pública deve disponibilizar a comunidade todo o tipo de conhecimento sem distinção de sexo, idade, cor etc.

Em seu relato, o sujeito coletivo destaca que a biblioteca amplia seu espaço como difusora da cultura, e deixa de ser vista apenas como uma guardadora de livros, como é vista por muitos de seus usuários, demonstrando que é um espaço com potencial para uma infinidade de ações. Para Milanesi (2003, p. 213) a biblioteca/centro de cultural, voltando-se para a população, (...) está desdobrando as suas ações e ampliando seu papel; enfim, prestando informações a quem dela precisar, seja qual for o seu nível.

O discurso do sujeito coletivo enfatiza que as atividades culturais dentro da BPSC atualmente são muito poucas: *Sinto falta da nossa biblioteca de não ter praticamente nenhuma ação cultural [...] e isso me incomoda, [...], [...] gostaria de minha biblioteca, digo minha por que aqui eu trabalho, eu frequento um organismo vivo, cheia dessas atividades, mas por enquanto ela esta estagnada, não sei o que que precisa, se depende só de nós bibliotecários, depende também do serviço público, mas precisava duma de uma grande reestruturação, nossa mesmo, e, digo nossa, dos servidores, pra que a gente pudesse ser, voltar a ser o que essa biblioteca pública já foi [...] [...] se você faz uma ação, que chama a comunidade, que chama atenção da comunidade, chama também a atenção dos nossos representantes maiores.* Milanesi (2003) em seu livro “A casa da invenção” enfatiza sobre a importância dos centros de cultura e das práticas do acesso livre a informação em uma sociedade democrática, citando a importância do Estado para que isso aconteça [...]. E o Estado tem o dever de garantir esta prática, que vai da alfabetização à disponibilidade de todo e qualquer registro do conhecimento em centros específicos ou por meio de redes de informação dentro das possibilidades tecnológicas. Faz parte da essência da biblioteca pública a ambiguidade, a contradição. Mantida pelo Estado, preserva e reproduz as condições sociais que mantém determinadas classes no poder. Por outro lado, atende a população, buscando satisfazer suas necessidades informacionais (ALMEIDA JUNIOR, 1997, P. 23)

Pelos discursos pode-se verificar que a biblioteca não é apenas um local para buscar ou ler livros, mas que dentro de seu espaço existe uma gama muito maior de coisas a serem oferecidas aos seus frequentadores [...] *é um momento em que a biblioteca deixa de ser vista como uma guardadora de livros, e mostra que nós*

temos uma infinidade de ações que podem ser desenvolvidas pra, não atrair o público, mas pra entreter o público, por que os nossos usuários, eles são: moradores de rua, senhores e senhoras aposentados, estudantes. [...] Servir de mediadora entre sociedade para qual foi criada e o patrimônio cultural da humanidade, é papel do qual a biblioteca pública não pode abdicar. (CUNHA, 2003).

Conforme Milanesi (2003) a biblioteca deve ser um local de encontro e discussão, um espaço onde é possível aproximar-se do conhecimento registrado e onde se discute criticamente esse conhecimento. *Existem outras ações acontecendo, existe momento de discussão, de temas! Existe momento de reunião pra aprender, pra socializar! É um momento que você pode se divertir! [...] Eu vejo com essa importância, por que você conhece pessoas, você cria, você participa de criações, você assiste, você ouve. Vários estímulos são despertados neste momento. [...] Eu acredito que é um momento assim, de entretenimento, e de as pessoas entrarem e saírem pra poder usufruir do espaço, eu estou falando da biblioteca, de ações realizadas na biblioteca. Então é um momento de ver a biblioteca com outros olhos. [...] Uma biblioteca ou tem a sua personalidade própria ou passa despercebida, desaparece no anonimato ou na mediocridade de todas as rotinas sem convicção e sem alma (MIRANDA, 1978).*

4.3.5 O encontro com o outro: a experiência do sujeito coletivo com os usuários

O discurso do sujeito coletivo demonstra que observam que as atividades de ação cultural com livros estimulam o retorno à biblioteca: *percebi em uma outra biblioteca que eu trabalhava que, quando a gente fazia mais atividades com livros, [...] eles procuravam mais livros depois na biblioteca, eles perguntavam mais, se interessavam [...].* Como o acesso às bibliotecas pelos cidadãos é fácil e direto, esses locais contribuem para formar leitores e promover o hábito de leitura, e são fundamentais para o acesso à informação e para a transmissão de conhecimentos (BRASIL, 2012).

O sujeito coletivo expressa em seu relato experiências de atividades que aconteciam na biblioteca nos anos 80, onde ver a alegria e a satisfação das crianças que frequentavam a biblioteca ficaram marcados: *lembro também que dos trabalhos, que eu peguei esse período ai na primeira parte de 90 quando a biblioteca tinha o*

carro biblioteca, que fazia as circulações em comunidades, levando leitura e também fazendo algumas, às vezes levava algum sketch de teatro [...] são projetos [...] que marcaram, e que desapareceram [...] vi as crianças vindo aqui, e vi assim, a alegria, [...] ficaram deslumbrados em ver assim, uma pequena peça teatral e ficaram encantados [...] pra gente é tão comum [...] e, pra eles, assim, foi incrível, [...]. Coelho (2001, p.88,89) revela que o teatro [...] reúne em si todos ou a maioria dos elementos vitais à ação cultural. Que o teatro vive daquilo que é a mola principal e traço distintivo da ação cultura, a interdisciplinaridade. É um trabalho de equipe, onde todos se voltam para o mesmo objetivo, para a mesma meta, se entendem quanto a como chegar lá e lá chegam.

Estes relatos que mostram o quanto as atividades culturais que a biblioteca promove são importantes, despertam nas pessoas outros significados para a mesma Instituição. Almeida Júnior (1997) menciona que além de informacional, a biblioteca pública tem função recreacional (lazer) e cultural.

A biblioteca é um local propício para as relações. O encontro é constante e isso fica presente no discurso do sujeito coletivo quando menciona que: *São vários momentos que a gente tem retorno do usuário. O retorno do usuário para o bibliotecário é também a possibilidade de reflexão sobre o seu fazer.* Eco, Martini (2009, p. 83) destaca que, assim como ensinam mesmo as mais laicas entre as ciências, é o outro, é o seu olhar, que nos define e nos forma.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A biblioteca pública é um local que além do encontro com livros, as pessoas procuram outras formas de encontro. Buscam se relacionar, aprender, conversar, interagir nas mais diversas maneiras. Iniciativas de ação cultural congregam elementos de arte, que, por sua vez, trabalham com emoção, com os sentidos, aproximam pessoas. Este trabalho se justifica a partir destas questões e objetivou conhecer as percepções dos bibliotecários que trabalham na Biblioteca Pública de Santa Catarina acerca de ação cultural.

A partir da análise do discurso obtido por intermédio das entrevistas, pode-se perceber tais percepções e a partir delas refletir um pouco mais sobre o tema.

Relevante destacar a menção às ações que foram desenvolvidas dentro da BPSC relacionadas à ação cultural, principalmente no século XX, anos 80 como relatado no discurso e também nos anos de 2010 e 2011 Ações que, mediante a observação destes profissionais, atraíram muitas pessoas, crianças, jovens, adultos, idosos, todos, com um objetivo comum, que era interagir, aprender, socializar, A partir deste relato, percebe-se que a ação cultural é valorizada por estes profissionais que atuam em bibliotecas públicas e que estes percebem que estas atividades animam a população.

O sujeito coletivo em seu discurso vinculou muito a ação cultural à contação de histórias, enfatizando em algumas falas que quando a contação de histórias é vinculada ao livro, a literatura, a criança acaba desenvolvendo o gosto pela leitura, e também faz com que desenvolva a curiosidade de conhecer o livro de que trata essa história, procurando assim essa obra na biblioteca.

Apesar do sujeito coletivo enfatizar muito em seus discursos a contação de histórias como uma prática importante na biblioteca, suas narrativas em nenhum momento associam essa contação de histórias como algo que marcou sua vida na infância. A contação de histórias está em todas as falas ligada ao seu espaço de trabalho que é a BPSC. É também relatado que atualmente as únicas atividades de ação cultural desenvolvidas na biblioteca são as contações de história.

Em outro momento da fala dos entrevistados percebe-se a ênfase no papel da biblioteca para a democratização do acesso à informação, como promotora das atividades de ação cultural, indo ao encontro de seus usuários e fazendo com que esse usuário que está afastado (ou nunca se aproximou) volte (ou passe) a frequentar a biblioteca, fazendo com que se torne um local de “*efervescência cultural*” como citado no discurso.

O sujeito coletivo associou muito a ação cultural com a leitura. As atividades de ação cultural além de formar leitores também ajudam a construir indivíduos aptos a pensar de forma crítica e individualmente. A ação cultural pode ser desenvolvida em todos os setores da biblioteca, pois através do teatro, do cinema, dos cursos, das exposições, e outras tantas atividades que podem ser desenvolvidas, esse usuário muitas vezes procura o livro para interagir mais com o que vivenciou a partir destas ações.

Nas falas percebe-se que ação cultural é uma atividade que encontra identificação com alguns profissionais e outros não. As percepções são diversas quanto à contribuição destas iniciativas para a biblioteca, ora julgando como um momento rico, de troca, interação, ora julgando como atividades que não agregavam nada para a biblioteca, só se justificando a partir da contação de histórias.

Os entrevistados são formados em Universidades do Estado, sendo que a UDESC tem em seu currículo uma disciplina voltada para a ação cultural, o que acabou proporcionando que os profissionais que lá tiveram sua formação, tivessem um envolvimento mais significativo com os projetos de ação cultural que a UDESC promovia em parceria com a BPSC.

Outra percepção a partir do discurso coletivo destes profissionais é de que há uma sensação de impotência diante do que é decidido em âmbito político, sobre as trocas de gestão da presidência da Fundação Catarinense de Cultura, e quanto ao impacto em relação às iniciativas de ação cultural na Biblioteca.

Em seu discurso o sujeito também menciona que entrou na biblioteca motivado, cheio de ideias relacionadas à questão cultural e que devido à questão política, desanimou, a ponto de não sentir mais a mesma motivação de antes. Sobre essas questões nota-se que a desmotivação destes profissionais veio pela impotência sentida não só pela falta de apoio da Direção da Fundação Catarinense de Cultura,

mas também ao fato de muitas vezes não haver uma articulação profissional que permita através da coletividade buscar as soluções para estes problemas.

Após ouvir o que sujeito coletivo entende por ação cultural, percebeu-se nas narrativas o uso frequente das expressões, “*foi feito*”, “*tivemos*”, “*muito pouco*” e apenas no final a expressão “*aos poucos estamos voltando*”. Isso mostra a percepção dos bibliotecários que trabalham na BPSC a respeito da relevância do retorno dessas ações à biblioteca. Entende-se que existam locais específicos para determinadas atividades, mas isso não impede que possam ocorrer também dentro da biblioteca.

A BPSC possui uma localização privilegiada, com uma estrutura que consegue atender a todas estas ações, como já foi feito anteriormente. Quando estas atividades são realizadas na biblioteca podem alcançar um público que talvez não tenha acesso a essas atividades quando disponibilizadas apenas em outros locais. Nem toda a população tem condições de pagar ingresso para assistir a uma peça de teatro, ou a uma sessão de cinema. Se existe um espaço para isso por que não aproveita-lo da melhor maneira, pensando no cidadão, e no espaço da biblioteca que é público.

Apareceu também no discurso a percepção de que ação cultural é uma atividade que potencializa o espaço, que ressignifica para a população, aquele espaço tão atrelado à atividade de empréstimo de livros. A mobilização de novas ações culturais variadas dentro da biblioteca, desatrofia não só o organismo vivo que ela representa, mas significa que ela precisa estar constantemente se adequando às necessidades de seu usuário, da sociedade, promovendo a inclusão, a afirmação e a valorização do indivíduo dentro do grupo social em que participa.

Com base no que foi estudado percebe-se que nem todos os bibliotecários entrevistados tem uma noção exata do que é ação cultural, ou sabem a importância que tem a promoção de atividades de ação cultural dentro da Biblioteca Pública. Alguns relataram suas experiências com muita emoção enquanto outros não pareceram achar que estas atividades são tão importantes, enfatizando em alguns discursos que ação cultural é contação de histórias, que a ação cultural tem que ser vinculada a contação de histórias.

Nota-se que não existe uma união entre estes bibliotecários, nem motivação de alguns, para promoverem estas ações, enquanto alguns sentem muita vontade de recomeçar, ou mesmo dar continuidade a estas ações, outros não têm interesse, por motivos não só políticos, mas também profissionais.

Acredito que é necessário não só uma reestruturação política, mas também pessoal não só destes bibliotecários que se sentem desmotivados, ou que não entendem bem o que é ação cultural, mas também de nós bibliotecários que estamos agora nos formando, cheios de energia e novas ideias. É um momento de nós bibliotecários fazermos a diferença, promovendo novamente estas ações, trazendo as pessoas para dentro da biblioteca, ou mesmo levando a biblioteca até seu público, sejam através de livros, de contações de histórias, de apresentações teatrais, cursos ou de que maneira for. Agora *“é um momento de ver a biblioteca com outros olhos”*.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. **Bibliotecas públicas e bibliotecas alternativas**. Londrina: Ed. Uel, 1997. 171 p.

ALMEIDA, Maria Christina Barbosa de. A ação cultural do bibliotecário: grandeza de um papel e limitações da prática. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 20, n. 1/4, 1987.

ARAYA UMAÑA, Sandra. **Las representaciones sociales: Ejes teóricos para su discusión**. Cuadernos de Ciencias Sociales, San José, n. 127, out., 2002.

BERGER, Peter Ludwig; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 27. ed. Petrópolis : Vozes, 2007.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Biblioteca pública: Princípios e diretrizes**. Rio de Janeiro : Fundação Biblioteca Nacional, 2000.

BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA. **Histórico**. Disponível em: <<http://www.fcc.sc.gov.br/bibliotecapublica//pagina/7881/historico>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

BRASIL. Ministério da Cultura. Ministério da Cultura. **As Metas do Plano Nacional de Cultura**. Brasília: Instituto Via Pública, 2012. 216 p.

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever**. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

COELHO NETO, J. Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural: Cultura e imaginário**. 2. ed. São Paulo : Iluminuras, 1999.

COELHO, Teixeira. **O que é ação cultural**. São Paulo : Brasiliense. 2001.

CUNHA, Vanda Angélica da. A biblioteca pública no cenário da Sociedade da Informação. **Biblios**, Peru, n. 15, p.67-76, abr/jun. 2003. Trimestral. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/5540/1/2003_014.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2014.

CUNHA, Vanda Angélica da. **Profissional da informação na biblioteca pública contemporânea: o bibliotecário e a demanda por educação continuada**. 2002. 230 f. Tese (Doutorado) - Curso de Mestrado em Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/8177/1/Disser.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2014.

ECO, Umberto; MARTINI, Carlo Maria. **Em que crêem os que não crêem?** 12. ed. Rio de Janeiro : Record, 2009. 156 p.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1994.

FARIAS, Carlos Aldemir. **Alfabetos da Alma**. Porto Alegre : Sulina, 2006. 135 p.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso**: Reflexões introdutórias. São Carlos : Editora Claraluz, 2008.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre : Artmed; São Paulo: Bookman, 2009.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à biblioteconomia**. 2. ed. Brasília : Briquet de Lemos, 2007.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. Representações sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 121, p. 169-186, jan./abr. 2002.

LEFEVRE, Fernando; LEFEVRE, Ana Maria Cavalcanti. **Depoimentos e discursos**: uma proposta de análise em pesquisa social. Brasília : Líber Livro, 2009.

_____. **O discurso do sujeito coletivo como superação dos impasses no processamento de respostas a questões abertas**. São Paulo : IPDSC, 2006.

_____. **O discurso do sujeito coletivo**: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos). 2. ed. Caxias do Sul : Educs, 2005.

_____. **Pesquisa de representação social**: um enfoque qualiquantitativo. 2. ed. Brasília : Liber Livro Editora, 2012.

MARCONI, Marina. de Andrade; LAKATOS, Eva. Maria;. **Fundamentos de metodologia científica**. 5.ed. São Paulo : Atlas, 2007.

MARKOVÁ, Irvana. **Dialogicidade e representações sociais**: as dinâmicas da mente. Petrópolis : Vozes, 2006.

_____. **Paradigms, thought and language**. Chichester/Nova Iorque: Wiley, 1982.

MILANESI, Luís. **A casa da invenção**: biblioteca, centro de cultura. 4. ed. rev. e ampl. Cotia (SP) : Ateliê Editorial, 2003.

_____. **O que é biblioteca**. 5. ed. São Paulo : Brasiliense, 1988.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis : Vozes, 2001.

MIRANDA, Antonio. A missão da Biblioteca Pública no Brasil. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 6, n. 1, p.69-75, jan/jun 1978. Disponível em:
<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/594/1/ARTIGO_missão_biblioteca_pública_Brasil.pdf Acesso em: 08 nov. 2014

MORAES, Rubens Borba de. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. Rio de Janeiro: **Livros Técnicos e Científicos**; São Paulo : Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1979.

MOSCOVICI, Serge, MARKOVÁ, Irvana. **Ideas and their development: a dialogue between Serge Mocovici and Ivana Marková.** In: MOSCOVICI, S. Social representations. Londres : Polity Press, 2000. p. 224-226

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais:** investigações em psicologia social. 6. ed. Petrópolis : Vozes, 2009.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de Discurso:** princípios e procedimentos. Campinas : Pontes, 1999.

REIS, José R.T. **Família, Emoção e Ideologia in Psicologia Social o homem em movimento.** Editora Brasiliense, 1984

RIBEIRO, Priscila Teixeira. Processos de socialização da criança. In: SIMPÓSIO DE ENSINO DE GRADUAÇÃO, 9., 2011, Piracicaba. **Anais...** . Piracicaba: 9º Amostra Acadêmica, 2011. Disponível em: <<http://www.unimep.br/phpg/mostracademica/anais/9mostra/4/551.pdf>>. Acesso em: 06 nov. 2014.

ROSA, Anelise Jesus Silvada. A prática da ação cultural em bibliotecas. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v. 14, n. 2, p.372-381, jul/dez. 2009. Disponível em: <[file:///C:/Users/usuario/Downloads/Revista_ACB-14\(2\)2009a_pratica_de_acao_cultural_em_bibliotecas_the_practice_of_cultural_action_in_libraries\(1\).pdf](file:///C:/Users/usuario/Downloads/Revista_ACB-14(2)2009a_pratica_de_acao_cultural_em_bibliotecas_the_practice_of_cultural_action_in_libraries(1).pdf)>. Acesso em: 21 jun. 2014.

SILVA, Ana Claudia Perpétuo de Oliveira da. A interação com o entrevistado na coleta de narrativas para a composição do Discurso do Sujeito Coletivo: vivências de pesquisadora. **Revista Acb, Florianópolis, Sc**, v. 17, n. 1, p.118-134, 01 jun. 2012. Disponível em: <[file:///C:/Users/usuario/Downloads/Revista_ACB-17\(1\)2012-a_interacao_com_o_entrevistado_na_coleta_de_narrativas_para_a_composicao_do_discurso_do_sujeito_coletivo_vivencias_de_pesquisadora_interaction_with_the_interviewee_in_collecting_narratives_to_th.pdf](file:///C:/Users/usuario/Downloads/Revista_ACB-17(1)2012-a_interacao_com_o_entrevistado_na_coleta_de_narrativas_para_a_composicao_do_discurso_do_sujeito_coletivo_vivencias_de_pesquisadora_interaction_with_the_interviewee_in_collecting_narratives_to_th.pdf)>. Acesso em: 09 ago. 2014.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos.** São Paulo : Ed. Contexto, 2006.

SILVA, Terezinha Elisabeth da. Ação cultural e biblioteca pública: algumas questões. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 16., 1991, Salvador. **Anais...** . Salvador: Associação Profissional dos Bibliotecários do Estado da Bahia, 1991. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/14827/1/AcaoCultural_e_BibliotecaPub.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2014

SISTEMA NACIONAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS. **Informação.** Dados das Bibliotecas Públicas no Brasil. Disponível em: <<http://snbp.bn.br/indicadores/dados-das-bibliotecas-publicas/>>. Acesso em: 21 jun. 2014.

SOUZA, Linete Oliveira de; BERNARDINO, Andreza dalla. A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental. **Educere Et**

Educare: Revista de Educação, Cascavel Pr, v. 6, n. 12, p.235-249, 1 jul/dez 2011.
Disponível em: <file:///C:/Users/usuario/Downloads/4643-23639-2-PB.pdf>. Acesso em: 31 out. 2014.

UNESCO. **Manifesto da IFLA/Unesco sobre Bibliotecas Públicas**. 1994.
Disponível em: <<http://archive.ifla.org/VII/s8/unesco/port.htm>>. Acesso em: 22 abr. 2014.

APÊNDICE A – Questionário

A – IDENTIFICAÇÃO GERAL

Idade: 25-35 ()
 35-45 ()
 45- 65 ()

Sexo: () Feminino () Masculino

Cidade e Estado de Nascimento: _____

B – ESCOLARIDADE E FORMAÇÃO

Além do curso de Biblioteconomia, concluiu outro curso de graduação?

() Sim – Nome do(s) curso(s): _____
 () Não

Em qual a Instituição e em que ano você concluiu os estudos em Biblioteconomia?

Curso de pós graduação:

() Não Possui
 () especialização – Área/Instituição: _____
 () Mestrado – Área/Instituição: _____
 () Doutorado – Área/Instituição: _____

Antes da profissão de bibliotecário(a) exerceu quais outras profissões/ocupações?

Há quanto tempo trabalha como bibliotecário(a):

Menos de 5 anos ()
 De 5 a 10 anos ()
 Mais de 10 anos ()

C – ATUAÇÃO NA BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DE SANTA CATARINA

Há quanto tempo trabalha na BPSC (Biblioteca Pública do estado de Santa Catarina

Menos de 5 anos ()

De 5 a 10 anos ()

Mais de 10 anos ()

Em qual o setor da BPSC você trabalha? _____

APÊNDICE B - Autorização para Entrevista

Eu, Adélia Helena Gewehr, estou desenvolvendo pesquisa intitulada “Voltando o olhar para a Biblioteca Pública de Santa Catarina: percepções dos bibliotecários sobre ação cultural” que faz parte dos estudos que realizo para obtenção do diploma em bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Santa Catarina em 2014.

Serão entrevistados bibliotecários atuantes na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina e sua aceitação em participar da pesquisa é muito importante. Informo que nenhum participante será identificado pelo nome, mantendo as informações sob sigilo. Em qualquer momento, fique a vontade para esclarecer dúvidas sobre a pesquisa e desistir da participação, se assim desejar.

Pesquisador

Orientador

Declaro que entendi os objetivos de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

_____, ____ / ____ /201__.

(Cidade, Estado) (Data)

Assinatura: _____

RG: _____

APÊNDICE C – Perguntas das entrevistas

1 – Fale com suas palavras o que entende por Ação Cultural.

2- Fale sobre as experiências que você teve com ações culturais ao longo de sua vida.

3- Fale sobre as experiências com ações culturais promovidas pela BPSC em que já participou.

4– Fale o que pensa sobre a contribuição das atividades culturais promovidas pelas bibliotecas públicas.

5– Fale livremente sobre alguma experiência que possivelmente tenha percebido com usuários que participaram de atividades culturais promovidas pela BPSC ou por outra biblioteca.

6 – Fique a vontade para falar mais alguma coisa se desejar.

APÊNDICE D – Transcrição das entrevistas

Primeiro entrevistado:

1 – Fale com suas palavras o que entende por Ação Cultural.

Resposta: Ação cultural para mim é tudo que incentive as pessoas, , as crianças, adultos, jovens a utilizarem a biblioteca. O espaço cultural, é tudo que fomente esta ação.

2- Fale sobre as experiências que você teve com ações culturais ao longo de sua vida.

Resposta: Bom, eu morei em uma cidade muito pequena, [cidade] no interior do Estado e lá a biblioteca nunca foi um local utilizado, eu não participava de nada, nem na escola havia este tipo de trabalho, eu só vim conhecer mesmo este tipo de ação quando eu entrei na faculdade aqui em Florianópolis, na UDESC, e a gente tem uma disciplina de ação Cultural com a professora Maria Emília e foi ali que eu entrei nesse mundo, não é um mundo que eu me adapte, não é um mundo que faz parte do meu eu profissional, assim, não é o meu foco mas eu tive bastante contato, a gente teve que fazer apresentações de teatro para essa matéria, e aqui na biblioteca pública, quando eu entrei em 2010 ainda aconteciam algumas coisas, muito poucas, no setor infanto-juvenil, a gente até tentou porque entramos em oito na época, a gente tentou fazer outros projetos, mas com a troca da presidência da Fundação Catarinense de Cultura, a gente foi barrado, então, tudo o que existia na Biblioteca Pública, foi, tirado fora, não existe mais, até hoje não existe mais nenhum, nenhuma ação cultural na Biblioteca Pública.

3- Fale sobre as experiências com ações culturais promovidas pela BPSC que já participou.

Resposta: No setor infanto-juvenil, nunca teve um, por que a gente acaba sempre voltando a questão de ação cultural pra criança, mais né, pro setor infanto-juvenil, a gente acaba esquecendo dos outros setores e prestando atenção mais em jovens que virão a se tornar leitores, então, na biblioteca pública a gente teve semana de livro e literatura, a gente tem, teve a uns anos, a celebração do dia do bibliotecário, que não deixa de ser uma ação cultural, por que a gente trouxe palestrantes, a gente deu palestra, e a gente botou a biblioteca em pauta, assim né, as pessoas vieram pra biblioteca pra outras funções que eu acredito que fazem parte dessa ação cultural, eu to transformando a biblioteca num agente cultural levando cultura diferente pras pessoas, e, foi basicamente isso, assim e a gente teve outra época de vestibular que a gente trouxe alguns autores catarinenses e que então fizeram palestras pros os alunos de vestibular sobre os livros que iam cair na UFSC então as que eu

participei foram essas né, com a entrada desse presidente que agora já não ta mais, que é o [nome], ele barrou tudo, então, a gente tinha os apaixonados por cinema que eram as senhorinhas que vinham assistir filmes no nosso auditório, e comentar sobre filmes antigos e tal, foi barrado, a gente tinha dois grupos de leitura, que é o livros no jardim, até fiz um curso de contação de histórias, quando eu trabalhei em um colégio particular na biblioteca escolar, fiz com eles esse curso e tal, mas tudo foi tirado, e até hoje a gente não recebeu nada de volta.

4 – Fale o que pensa sobre a contribuição das atividades culturais promovidas pelas bibliotecas públicas.

Resposta: Eu entenderia desta forma, por exemplo, muitas dessas atividades, sendo bem sincera, a gente teve que correr atrás de público, então por exemplo, ah, teve a semana do livro e da literatura, teve contação de história, teve teatro com o Valdir Dutra, a gente tinha que ir no colégio correndo arrecada-los para trazer para esse lado por que senão o publico era zero, então eu acho que essas ações culturais, elas tem que ser uma coisa contínua, elas não podem ser pontuais, claro, é preciso ter, a, semana do livro infantil e tal, tudo bem, a gente pode fazer um evento la, mas isso tem que ser contínuo, por exemplo, hoje sábado, o setor infanto-juvenil poderia ter uma contação de história assim como a livraria catarinense tem hoje, né, poderiam trazer essas crianças para outros tópicos, isso não acontece, não, é muito, muito importante pra essa geração que ta vindo e pra pessoas que tão descobrindo, a leitura, eu tenho um pai que nunca leu, hoje com 57 anos ele virou um leitor, é um devorador de livros, e eu sei que se a biblioteca pública do meu município fosse uma biblioteca que abrisse portas e que, é, recebesse esse pessoal, nossa, ele não precisaria comprar esse material, ele teria esse material lá, ele leria e outras pessoas leriam né, então, eu acho que é muito importante, assim, essa busca pelo novo, essa conquista, e é uma conquista muito difícil, conquistar as pessoas a ler, bem difícil.

5 – Fale livremente sobre alguma experiência que possivelmente tenha percebido com usuários que participaram de atividades culturais promovidas pela BPSC ou por outra biblioteca.

Resposta: Bom, eu vou falar de uma experiência, que eu não sei se pode ser considerada como uma ação cultural, mas eu fui fazer uma oficina de conservação de acervo, em papel, e nessa oficina, muita gente não conhecia a biblioteca pública, por que era no Estado inteiro, eu como funcionária daqui, tive a ideia, dei a sugestão de virmos conhecer a biblioteca né, com eles, de fazer uma visita guiada com esse pessoal, e, outra coisa, a visita guiada é outra coisa que já não existe mais aqui na biblioteca, existia, mas hoje não existe mais, e, a surpresa deles, de conhecer, de saber o que tem aqui dentro, foi tão grande, que muita gente que mora em locais assim, muito longe daqui, começaram a fazer seu cadastro, e a pegar livro, arrumar um jeito de entregar de volta, então isso pra mim, foi uma experiência positiva, as-

sim, por mais que possa não ser uma ação cultural, mas o pessoal realmente sentiu necessidade de vir pra biblioteca, então isso pra mim foi uma experiência bem gratificante.

6 – Fique a vontade para falar mais alguma coisa se desejar.

Resposta: Não sei o que te dizer, viu Adélia, é muito importante, tem que ter, a gente sabe, agente estuda, é uma teoria, a gente tem que saber, tem que ter tudo isso, mas quando a gente chega num local num estado, num município, ou numa esfera Federal, e a gente esbarra na política, na burocracia, muitas vezes as coisas não vão funcionar do jeito que a gente aprendeu, então, eu [nome], sempre digo até que, não que orienta, mas a gente ajuda estagiários que fazem o obrigatório aqui com a gente, a gente diz pra ele, olha, muita coisa do que a gente estuda, a gente não aplica, e muita coisa que eu [nome], aprendi hoje, foi durante os meus estágios, tanto que eu fiz estágio durante toda a minha faculdade, então eu conheci muita coisa durante a faculdade, e vi que nem tudo que a gente ouve, ou que a gente lê, é verdade, né, então a ação cultural talvez acabe ficando em segundo plano, por exemplo, hoje eu tenho , eu to fazendo um retrabalho, arrumando o acervo de sei lá, a biblioteca tem 160 anos, eu não to dizendo pra ti que eu to arrumando o acervo de 160, mas de 30 anos atrás eu to arrumando o acervo, de participação, de catalogação, e nesse momento a gente poderia estar fazendo essas outras ações, só que somos em poucos, eu, [nome], por exemplo, não gostaria de vir pra cá domingo, uma vez a biblioteca abria sábado, fechava a rua Tenente Silveira, as crianças iam aqui pra rua, mas eu, o meu perfil profissional, eu não faria isso, já trabalhei em colégios em biblioteca escolar, já trabalhei com crianças, já fiz todo esse tipo de leitura de realmente, de pegar a criança, de contar história, me vestir de bruxa, mas hoje, [nome] não tenho mais o perfil, pra mim, foi uma experiência que passou, então, assim, isso também, isso também vai depender das pessoas que atuam na biblioteca, hoje, aqui na biblioteca, se eu fosse contar, acho que eu teria uma ou duas pessoas com esse perfil, bibliotecários mesmo, né, e aqui nós temos 41 funcionários, só oito bibliotecários, nove com a [responsável pela biblioteca pública atual], os outros são terceirizados, são ensino médio, então, pra eles receber o salário no final do mês, tá bom, não tem por que ir mais além, ou ter que fazer alguma coisa para o bem da biblioteca, o bem maior sou eu, então, eu acho que tudo depende do que a instituição quer e das pessoas que trabalham nessa instituição. Então, eu acho que é isso.

Entrevistado 2

1 – Fale com suas palavras o que entende por Ação Cultural.

Resposta: Ação cultural para mim é atividades que a biblioteca desenvolve com o objetivo de incentivar a leitura, de interagir com os usuários, atrair novas pessoas para a biblioteca.

2- Fale sobre as experiências que você teve com ações culturais ao longo de sua vida.

Resposta: O que lembro mais era em colégio, assim, atividades de leitura que, assim, passeava pra museus, as vezes a professora orientava a gente nas bibliotecas, mostra de filme, mais assim.

3- Fale sobre as experiências com ações culturais promovidas pela BPSC que já participou.

Resposta: Desde que eu to aqui, eu não peguei assim nenhuma mesmo, eu sei que tem uma que é contação de história, mas eu não participei dessa.

4 – Fale o que pensa sobre a contribuição das atividades culturais promovidas pelas bibliotecas públicas.

Resposta: Acredito que tem importância pra incentivar a leitura, tem algumas bibliotecas também que promovem cursos, assim, profissionalizantes de artes, também não só voltado a leitura, acho que é isso.

5 – Fale livremente sobre alguma experiência que possivelmente tenha percebido com usuários que participaram de atividades culturais promovidas pela BPSC ou por outra biblioteca.

Resposta: Eu percebi em uma outra biblioteca que eu trabalhava que, quando a gente fazia mais atividades com livros, é, os alunos procuravam, era uma biblioteca escolar, eles procuravam mais livros depois na biblioteca, eles perguntavam mais, se interessavam, o aumento de livros, assim, aumentou, digo, a procura de livros aumentou.

6 – Fique a vontade para falar mais alguma coisa se desejar.

Resposta: Acho que assim, a biblioteca tem que fazer mais ações culturais, procurar mais parcerias, pra tentar integrar mais a comunidade com a biblioteca. Seria isso.

Entrevistado 3

1 – Fale com suas palavras o que entende por Ação Cultural.

Resposta: Ação cultural, acho que é qualquer ação que, uma instituição, é um movimento onde a gente possa integrar, acho que comunidade escolar, população em geral em ações, de cultura, assim né, a biblioteca ela, tinha esse momento quando a gente fazia contação de história, tinha teatro, acho que é isso, assim né, com as minhas palavras são isso.

2- Fale sobre as experiências que você teve com ações culturais ao longo de sua vida.

Resposta: Olha, desde o tempo que eu comecei a trabalhar assim, ação cultural que eu tive mais presente, foi quando eu trabalhei na Prefeitura de Florianópolis, eu era gerente de projetos, e eu trabalhava com artesanato, local, daqui de Florianópolis, então a gente coordenava essa parte do artesanato de Florianópolis, e eu era uma das responsáveis por organizar a Fenaostra, que é uma festa da cultura açoriana, em Florianópolis, né, então a minha maior experiência foi essa.

3- Fale sobre as experiências com ações culturais promovidas pela BPSC que já participou.

Resposta: Eu participei, nesses 3 anos que estou aqui, foram só contação de história, e a biblioteca desenvolve a oficina boca de leão, né, que é uma oficina que forma contadores de história, um projeto gratuito, e formadores também de contos, né, no final deste ano estamos finalizando um livro de contos para ser publicado.

4 – Fale o que pensa sobre a contribuição das atividades culturais promovidas pelas bibliotecas públicas.

Resposta: A importância, eu vejo na questão, sim né, se tem uma ação cultural, eu acho assim né, o meu pensamento de ação cultural dentro da biblioteca, acho que ela tem que ser voltada pra livro e literatura, né, não qualquer ação, tem outras bibliotecas que fazem curso de corte e costura, não estou criticando né, mas assim eu vejo, pela experiência, que quando eu entrei na biblioteca, havia alguns cursos de pintura, de musica, as pessoas entravam faziam o curso e saiam, então, a gente trazia as pessoas pra dentro da biblioteca, mas elas vinham pontualmente fazer essas atividades, e não desenvolviam o gosto pela leitura, o despertar pelo que a gente tinha no acervo, então eu acho que, esse projeto de ação cultural dentro da biblioteca tem que ser voltado pra o livro e literatura e por movimento de ler também, de trazer também, á biblioteca, trazer escolas, fazer casar a contação de historias com os livros cobrados em sala de aula, de ficha de leitura, então, eu acho que nessas ações sim, eu acho importante,.

5 – Fale livremente sobre alguma experiência que possivelmente tenha percebido com usuários que participaram de atividades culturais promovidas pela BPSC ou por outra biblioteca.

Resposta: Por alguma outra eu não tenho o que falar por que eu não conheço assim né, mas aqui na biblioteca eu vejo que, na verdade, nesse período que eu estou, é mais a contação de história, e, é pra criança de 5 a 10 anos, então, eu vejo que eles tem a curiosidade de buscar o livro que conta essa história que ta sendo contada na contação de história, então eles tem essa necessidade de ver o livro, de saber né, quando a contação de história é vinculada ao livro, né, por que senão também, eles vem, assistem a contação de história, e vão embora, então se a contação de

história é vinculada a alguma literatura eles tem essa, esse interesse de buscar o livro, de ver o livro né, a parte física da história.

6 – Fique a vontade para falar mais alguma coisa se desejar.

Resposta: Assim, eu acho importante a questão de projetos voltados pra literatura mesmo, dentro da biblioteca, assim, acho que a gente carece de projetos, na verdade, eu não tenho um bibliotecário que tem esse perfil, né, pra fazer a questão da contação de história mesmo, né, de trazer o leitor, na verdade, assim, eu tive assim, uma outra experiência que eu esqueci de citar que foi no ano passado, que os livros do vestibular da UFSC, eles eram, eu não sei a quantidade, mas 4 ou 5 eram de autores catarinenses, então a gente teve aqui um professor, teve alguns escritores que ainda estavam vivos , e vieram falar sobre o livro, então foi uma experiência bem legal assim, então eu acho que tem sempre essa questão né, de casar o livro com uma história falada sempre tem que ta casando pra chamar a atenção pra buscar a atenção do leitor.

Entrevistado 4

1 – Fale com suas palavras o que entende por Ação Cultural.

Resposta: Ação cultural? Bom, ação cultural são atividades, que são desenvolvidas no âmbito interno ou externo de qualquer instituição, que tem o foco principal em circulação e de dinamização dos produtos culturais né. Pode ser em diversas linguagens artísticas e culturais, dança, música, teatro, ééé... atividades de leitura. Antes com foco mais nesse vies, voltado à essa dinamização de circulação de bens e produtos culturais.

2- Fale sobre as experiências que você teve com ações culturais ao longo de sua vida.

Resposta: Olha, profissionalmente eu desenvolvi algumas atividades de ações culturais no campo de leitura, principalmente em feiras de livros, eh...atividades também voltadas, atividades, eram atividades culturais que vão ta relacionadas ao meio ambiente. Eeh, eu desenvolvi também um projeto de educação patrimonial, que era em fotografias, sobre a cidade, ai retratava casarios, retratava arquitetura, mudanças paisagísticas, a cidade, o que mais?... Eh, nesse foco, é, nesse foco ai.

3- Fale sobre as experiências com ações culturais promovidas pela BPSC que já participou.

Resposta: Particpei sim de alguns projetos aqui, principalmente nos anos 80 (oitenta), 80 e parte de 90 (noventa), que eram cinema, nós fazíamos projeções de filmes, diversos gêneros, fazíamos também uma atividade aos sábados, que era, uma vez

no mês aos sábados, que era Porque hoje é Sábado, onde nós fechávamos a rua Tenente Silveira na frente, e ali vinham crianças, crianças e adolescentes, e e a gente fazia atividades com pinturas, dramatização... eeh... leitura né, vinculava muito ao setor infantil. Eh, são as duas atividades que a gente mais fazia, que eu participei também ham...mais engajado. Essa sessão de cinema a gente fazia 12:30, e a gente dava... pra que? pra principalmente atender àquele público, que Florianópolis é um período atípico assim que...eh, meio dia o comercio fechava né, então as pessoas tinham aqueles horários de meio dias as duas(14h) e ficavam na cidade, então era pra atrair inclusive esses comerciários né, e a população em geral, mas vinha muitos comerciários e a gente fazia essas projeções de filmes brasileiros e estrangeiros.

4 – Fale o que pensa sobre a contribuição das atividades culturais promovidas pelas bibliotecas públicas.

Resposta: Eh, a biblioteca como centro, sendo o centro de, da coletividade né, não só necessariamente que esteja voltado pra o empréstimo de livro ou consulta local né, ou o acesso a informação, ela deve proporcionar a toda coletividade uma série de ações voltadas nessa parte de circulação de produtos culturais, então, eu vejo que algumas bibliotecas como o SESC que fazem um trabalho muito voltado a essa dinamização cultural. Tem as bibliotecas também, ali a biblioteca do Estreito, que é a Barreiros Filho, apesar que é uma biblioteca que tem uma ação muito local, ela não tem uma ação municipal em todas as comunidades da ilha e do continente né, mas também ela abre pra tapeçarias, pra rendas né, algumas propostas de ações culturais voltadas também, eeh...pras identidades culturais, eeh...essas bibliotecas, os trabalhos de leituras né que são feitos também eeh...dramatizações, teatro, juntando teatro, juntando também eeh... saras musicais né. Eu vejo que a biblioteca tem esse campo, tem essa obrigação de ser um centro aberto né, de difusão eeh...principalmente da parte cultural.

5 – Fale livremente sobre alguma experiência que possivelmente tenha percebido com usuários que participaram de atividades culturais promovidas pela BPSC ou por outra biblioteca.

Resposta: Tem um projeto, até eu esqueci, era um trabalho que era desenvolvido na biblioteca, eeh. que era pela Fundação Catarinense de Cultura, e a biblioteca reproduzia esse projeto. Era o projeto Autor Escola, onde levava nas escolas né eeh...e também em outros ambiente, mas, e também na biblioteca a aproximação entre o leitor e o escritor; ta, então, eu lembro que o Amilcar Neves fez algumas, alguns trabalhos, Flávio Cardoso, João Paulo Silveira de Souza que eram escritores que trabalhavam muito com contos e crônicas, e eles faziam esse trabalho de circulação nas escolas e a biblioteca dava muita chancela ta. Eu lembro também que dos

trabalhos, que eu peguei esse período aí na primeira parte de 90 quando a biblioteca tinha o carro biblioteca, que fazia as circulações em comunidades, levando leitura e também fazendo algumas, às vezes levava algum sketch de teatro tá, então são projetos que eu lembro que marcaram, e que desapareceram.

6 – Fique a vontade para falar mais alguma coisa se desejar.

Resposta: Ah...As bibliotecas, elas tem que investir tá, apesar que a gente saiba das dificuldades, questão de recursos humanos, questão de parceria, mas elas tem que investir nas ações culturais né, ações educativas e culturais, porque é ali que você vai possibilitar a gente formar leitores, formar novos usuários, aproximar esses serviços dessas populações mais desassistidas, ou então esses leitores que estão afastados. Se o papel da biblioteca é democratizar o acesso as informações e também ao conjunto de seu acervo né, ela tem que proporcionar essas atividades, tá na hora de quebrar esse silêncio, eu vejo que biblioteca não é local de silêncio, é lugar de efervescência cultural né, logo essas atividades culturais vão dar uma nova dimensão pra essas ações. Bom, aí complementando, aaaah...eu lembro que era mais ou menos o que? 82, 83, 84, nosso setor infantil era um setor muito pequenininho, até mesmo porque os espaços aqui eram difíceis a biblioteca dividia os espaços com outras repartições públicas, mas a diretora da época, a dona Maria Lucia Barreto, ela, uma mulher muito envolvida com as questões, preocupada com a biblioteca, ela criou esse espaço, tanto que depois foi batizado como tia Lucia esse espaço, e os primeiros, assim, frequentadores desse espaço eram as meninas e meninos de rua, que utilizavam, começavam a vir pegar os gibis, as histórias infantis, eeh...vendo essa importância né, dessa aproximação do setor infantil com seu público mesmo, começou a se constituir outros espaços onde foi no subsolo e se criou um ambiente melhor, mais aconchegante, aumentou-se o número do acervo. Então, essas iniciativas é que marcam porque são pequenos projetos, são pequenas ações, mas que tem um propósito muito claro, muito definido que é ir ao encontro do seu público. A biblioteca, ela precisa ir ao encontro dos seus usuários, o seu público que tá distante, pode ser crianças, pode ser adolescente, pode ser moradores de rua, pode ser desempregados, pode ser trabalhadores ativos, pode ser idosos né, a biblioteca sempre tem que sempre pensa nesses públicos, esses públicos que estão afastados, e acredito que as ações culturais servem como estratégia, primeiro pra firmar os objetivos da biblioteca e segundo pra atrair esses novos...essas quantidade de leitores, né, que tão aí dispersos.

Entrevistado 5

1 – Fale com suas palavras o que entende por Ação Cultural.

Resposta: Então, ação cultural eu acho que é algo que é desenvolvido pensando o cidadão, falando no nosso caso especificamente em biblioteca, nosso usuário, o leitor, algo que ele possa, possa ser levado a ele o tipo de informação também, através de diversas culturas, diversas ações, ou seja, de leitura, de arte, de artesanato, que a gente tinha, na biblioteca.

2- Fale sobre as experiências que você teve com ações culturais ao longo de sua vida.

Resposta: Eu sempre fui bastante envolvida, assim, sempre que tinha algo cultural eu sempre gostei dessa parte assim, então, desde a época de colégio eu gostava de participar de apresentações na escola, desfile de 7 de setembro, é, fora isso, gosto também de mexer com artesanato, sempre tive envolvida com artesanato, tanto pra meu crescimento, quanto pra trabalho voluntário, então, acho que sempre tive envolvida nessas atividades, sempre que posso ainda me envolvo.

3- Fale sobre as experiências com ações culturais promovidas pela BPSC que já participou.

Resposta: Diretamente eu não cheguei a participar dessas experiências, vi, soube, de algumas que aconteceram, mas não me envolvi em nenhuma, desde que, assim que eu entrei, logo já terminou assim, teve momentos assim, aniversário da biblioteca, semana do livro, que a gente teve contação de histórias, teve apresentação cultural de alguma dança, mas não me envolvi, não tive participação não em nenhuma delas.

4 – Fale o que pensa sobre a contribuição das atividades culturais promovidas pelas bibliotecas públicas.

Resposta: A importância eu acho que é oportunizar, primeiramente inclusive bibliotecas públicas é um público que a gente tem bem geral, heterogêneo, de levar essas ações a essas pessoas que não teriam essa oportunidade, aqui na biblioteca na semana do livro e na semana da criança, a gente tem apresentação de teatros, então vem creches, centro infantil, bem carentes, então que eles não teriam essa oportunidade de assistir a uma peça de teatro se não fosse aqui, então eles veem, assistem, a gente vê os olhinhos brilhando assim, é gostoso de ver, então acho isso é importante, de repente se a gente não tivesse feito isso não sei se terão outras oportunidades daqui pra frente, alguns sim, outros talvez não, então de trazer, de aproximar o povo a essa cultura que não teria, se não tivesse aqui talvez ele não teria outra oportunidade.

5 – Fale livremente sobre alguma experiência que possivelmente tenha percebido com usuários que participaram de atividades culturais promovidas pela BPSC ou por outra biblioteca.

Resposta: Então, acho que aqui essa parte do, das crianças assim, que eu vejo aqui, que é, eu não me envolvi na organização, mas vi as crianças vindo aqui, e vi assim, a alegria, ha ficaram deslumbrados em ver assim, uma pequena peça teatral do seu Valdir Dutra no nosso auditório, e ficaram encantados assim, isso, achei bem interessante essa, que assim pra gente é tão comum assim, entre aspas, e, pra eles, assim, foi incrível, isso eu achei interessante.

6 – Fique a vontade para falar mais alguma coisa se desejar.

Resposta: Sinto falta da nossa biblioteca de não ter praticamente nenhuma ação cultural agora, me entristece, quem sabe eu poderia ta tentando, ta lutando por isso e não to, to acomodada, e isso me incomoda, a gente, quando a gente sai da nossa biblioteca e conhece outras realidades, a gente vê tanta coisa, a gente teve agora visitando outras bibliotecas públicas, até fora do Estado, e assim ó, é muita coisa, quando você sai, você vê o que os outros estão fazendo, primeiro te entristece a tua biblioteca que não faz nada, depois te da uma gás, não, vou chegar e, vou fazer, o mínimo que seja, por que a gente vê que não são coisas grandiosas, são coisas pequenas que os outros estão fazendo, mas que tão trazendo o leitor pra dentro da biblioteca, que tão trazendo gente que ta na rua, tão trazendo estudantes, e tão enchendo a biblioteca, e a nossa, assim, parece que a gente ta tão acomodado, não tem ninguém, o que que a gente faz, chega um usuário pra pegar um livro, a gente vai na estante, pega, hoje, eu vejo a nossa biblioteca como uma depositaria de livros, e isso me inquieta, me, só que eu também me sinto acomodada, e quando você sai, você vê acima de tudo, você quer chegar aqui, e fazer algo diferente, mas ai tem todo o entrave do serviço público, outros ene fatores que te impedem e a pessoa vai acabando, acaba se acomodando, então, assim, gostaria de minha biblioteca, digo minha por que aqui eu trabalho, eu frequento, um organismo vivo, cheia dessas atividades, mas por enquanto ela esta estagnada, não sei o queque precisa, se depende só de nós bibliotecários, depende também do serviço publico, mas precisava duma de uma grande reestruturação, nossa mesmo, e, digo nossa, dos servidores, pra que a gente pudesse ser, voltar a ser o que essa biblioteca pública já foi, não conheci, mas os mais antigos que estão aqui falam que tinha época que a porta tinha que fechar, tinha que esperar um pouco que o pessoal sair, pra outros entrem de tanta, tanta gente que tinha aqui, funcionava aqui a escolinha de arte também que hoje ta no CIC, né, isso trazia muitas crianças, até adolescentes, hoje a gente vê gente adulta, eles vem aqui, perguntando se ainda tem a escolinha, a gente, não, não funciona mais aqui, agora é no CIC, e eles falam, nossa quando eu era criança eu fazia escolinha de arte aqui, então, assim, isso te deixa saudoso né, mesmo que você não conheça, que pena, que pena que não tem mais isso, por que a gente perdeu, então, é isso.

Entrevistado 6

1 – Fale com suas palavras o que entende por Ação Cultural.

Resposta: Ação cultural eu entendo, toda a manifestação que é desenvolvida em qualquer organização pra trabalhar as varias culturas, e também trabalhar elementos das culturas, então eu posso trabalhar a dança, teatro, livro, contação de história, tem vários elementos que eu posso trabalhar, então eu entendo que ação cultural é ação que desenvolve elementos da cultura pra sociedade. Não tenho um conceito formado.

2- Fale sobre as experiências que você teve com ações culturais ao longo de sua vida.

Resposta: Eu tive envolvimento com ação cultural, aqui na Biblioteca Pública, que foi o mais forte, e, eu entrei aqui em [ano], então aqui na biblioteca eu já entrei com a finalidade, né, a minha responsabilidade como bibliotecário, é de executar a ação cultural, a diretora na época até falou, olha, você passou no concurso, você ta sendo chamado agora, e você vem pra trabalhar diretamente comigo aqui na diretoria, e a gente vai trabalhar com ação cultural, que antes era desenvolvido por um estagiário da UDESC e agora nós estamos oferecendo esse trabalho pra um bibliotecário, eu gostaria que fosse você, que ela viu os perfis né, e ela gostou muito do meu pra esse fim. Bom ai eu cheguei, comecei a conhecer a biblioteca como um todo, direção, setor técnico, setor de Santa Catarina, por que tudo isso eu posso desenvolver ação, o setor de obras raras, ai fui pra literatura, tem braile, periódicos, eu comecei a pensar, como que eu vou fazer a interação da comunidade com esse material, no primeiro dado, as obras gerais também, tem computador, que o povo pode acessar né, o publico pode acessar, ai, também trabalhei no setor infantil, fui conhecer o setor infantil, como funcionava, quem é que trabalha, por que é importante, até os estagiários quando passaram por mim, eu tive que fazer esse trabalho, então conheci todo o setor infantil, temos o laboratório de conservação, também quis conhecer, e vi que tinha um grande auditório, tem um auditório que da pra ser usado, já era usado antes de eu entrar por alguns profissionais da cultura, e também tem um hall grande, que dava pra fazer alguns eventos, então o que que aconteceu, a UDESC veio com um programa muito bom pra cá, pra biblioteca pública, e desenvolveu esse programa durante alguns anos, eu não sei dizer certo quantos anos foi trabalhado, e nesse período, o estagiário desenvolveu atividades em parceria com outras instituições e também orientado pelas professoras da UDESC, então, esta lista de, essas atividades que foram elencadas por eles eu tentei manter, por exemplo, no hall acontecia exposições de quadros de artistas famosos e não famosos, era analisado todas as obras, é, quem era aquela pessoa, se a obra tinha qualidade ou não pra ser colocado na exposição, claro que, essa questão da qualidade é muito subjetiva então, mas era analisado também, na época da UDESC era um grupo, quando eu entrei era eu

sozinho fazendo a análise disso, tentando conhecer um pouco de artes também pra poder, como que eu vou avaliar se essas artes tem qualidade ou não, eu pedi ajuda pra algumas pessoas, então, no hall a gente podia fazer isso que a UDESC já desenvolvia, mantemos durante todo o ano de 2010 eu trabalhei, com ação cultural, e, fazendo isso, é, fizemos varias exposições. Também acontecia o Hall a semana do troca troca, a semana do troca troca já vem de muitos anos, acontecia na biblioteca muitos anos antes da vinda da UDESC e desse programa, então, a funcionária do segundo andar, a que trabalha com literatura, ela pegava os livros que tava em excesso na biblioteca, é, aquilo que ficava no desbaste, aguardando pra ser inserido na estante caso alguma obra fosse perdida, ou necessitada ser substituída por algum motivo, ela pegou essas obras, selecionou, viu o que o tava em excesso, colocou, algumas que também vinham de doação, e que não cabia pro contexto da biblioteca, pra o desenvolvimento da coleção da biblioteca, era colocado no hall, onde o usuário que chegava na biblioteca com um romance levava um romance, quando eu falo romance é ficção, terror né, toda a história de entretenimento, se ele trazia um material didático levava um didático, e a troca era muito grande, porque m trazia um de biologia mas tava de olho naquele de matemática que era caro e precisava pra um colégio, ou até professores, muitos professores vinham, e a gente acabava fazendo esse evento essa ação que já era da biblioteca também, fizemos algumas, alguma edições, por que, exige recursos humanos, então eu tinha ajuda de uma estagiária que de repente foi remanejada pra outra ação por que ela precisava conhecer toda a instituição, ai eu fiz uma ou outra, então, tipo umas três vezes eu fiz sozinho com a ajuda de outros funcionários, depois, eu ainda continuei com aula de piano, que é da época da UDESC também, segui mais 2 anos com aula de piano aqui dentro. O Valdir Dutra ele usa o espaço da biblioteca pra ensaio de teatro, então, a equipe de teatro faz parte da comunidade, são jovens adolescentes que entram e saem, e os mais velhos, da equipe do Valdir, continua dando suporte para essas pessoas, então, é, seria uma aula de teatro não instituída, né, o espaço era usado pra comunidade, os adolescentes aprendiam, vinham, iam, no momento que eles queriam, apresentavam as peças nos teatros, isso foi mantido também. Queque era, dança, a dança era bem pouco, que acontecia, era em eventos, aniversário da biblioteca, dia do livro da biblioteca, eventos assim. O piano, exposição, de vez em quando eu, eu buscava desenvolver alguma oficina, eu consegui com a Kesi, Kesi Landerg, ela é encadernadora, então ela dava oficina de encadernação, eu fiz uma oficina aqui na biblioteca em parceria com a ACB, Associação de Bibliotecários, foi somente uma edição, é, houve busca do público pra esse fim, também fizemos oficina de criação de bonecos, pra usar na contação de história, e era feito de material reciclado, então, a caixa de leite virava os ossos dos bonecos, o jornal, que tem vários jornais ai pra descarte, por que não faz parte da coleção, a própria população trazia, e a gente criava com jornal o, a carne do boneco, e a cola, era uma cola também feita com, farinha de trigo, e depois usava tinta, a, a, bonequeira que fez a oficina, ela ainda reciclou tinta, a tinta era reciclada, aaa, e somente uma cola ou outra

que era usada comprada, então, isso foi, essa ação foi muito legal por que eles desenvolveram o boneco, e em seguida, no ano seguinte, to falando de 2010 ainda, em 2011 eles, foi ofertado pra eles uma oficina de contação de história, onde puderam, ou não, usar o boneco, que eles criaram. Também, contação de história acontecia a todo instante, toda a semana nós tínhamos visita de escola que era agendado por mim, era necessário agendar por que, algumas escolas vinham de manha, e tinha horário pra chegar e pra sair, então, precisava se conhecer, quem era a escola, quantas crianças vinham, qual a faixa etária dessas crianças, por que a história tinha que ser adequada pra essa faixa etária, o espaço que a gente ia usar, tinha que ser usado, é, um espaço que pudesse coloca, aloca todas as crianças, aaa, então vinha 60 crianças, vamos pro auditório, a, vem 20 crianças, então ficamos no hall, ou no setor infantil, dependendo de como são as crianças, a gente fica de um lado pro outro, por que crianças que se distraem muito, o publico infantil tem muito, muita decoração que chama a atenção, então gente ficava no hall, é, claro que sempre o publico sempre passava, via, mas isso não tirava tanto a atenção das crianças. Fizemos festa de aniversario da biblioteca, fizemos dia do livro da biblioteca, tudo com contação de história, dança, recital de poesia. Fizemos, aaa, oficina literária, letras no jardim também era uma ação que acontecia na época da UDESC, permaneceu por 2 anos e depois eles por conta própria resolveram procurar um outro espaço, que eles queriam circular, em livrarias, em cafés, tão na rodoviária hoje, eles estão na rodoviária. Eee, a oficina literária também teve uma boa participação, por que o público vinha pra aprender a escrever romance, poesia, aicai, é uma infinidade de possibilidades escrita criativa, e eles, a contribuição deles pra usar esse espaço, por que era só usar mesas e cadeiras, e um espaço da biblioteca pra escrita. A contribuição deles, em retorno a essa sessão de espaço, era recital de poesia, era participar com, ééé, leitura de um texto deles que era muito, que estava em estaque na própria oficina, então, isso acontecia, e tinha uma dançarina que também de vez em quando participava com as danças. Nas festas, a gente contava muito com a participação do, de um usuário da biblioteca, que ele tem deficiência visual, ele é cego, ele toca flauta, clarinete, e mais um instrumento de sopro que eu não lembro agora, e ele gostava muito de tocar flauta, que a flauta tem um som suave, que não incomoda os usuários que estão estudando, que isso acontecia normal, e no, no auditório, esses eventos, essas ações. E ele tocava, tocamos no dia dos namorados, fizemos uma mesa com bolo, refrigerante, sucos, vários salgados, tudo é, ganhamos de padarias locais, padarias da Trindade e Agrônômica, e a gente montou uma mesa de café, chamamos as pessoas do, que tavam circulando pela biblioteca, até, algumas pessoas passavam na rua, viam, entravam, ai tinha, recital de poesia, tinha dança, tinha contação de história. A gente sempre faz isso em evento, três ações pra não, pra não, prender muito pessoas que gostariam de ficar ali, mas também precisam fazer outras coisas, e também pra não fazer muito barulho, naquele momento que era só de confraternização, aproveitar também pras pessoas se conhecerem. Muitas dessas pessoas voltaram, frequentaram o infantil, por que eles vem muito, os pais

vem com os filhos pra ouvir contação de história, e acabam vindo fazem a carteirinha levam gibis, veem livros, frequentam, ficam lendo um pouquinho mas, como é um espaço que a criança não pode ficar sozinha, os pais vem, ficam um pouco tempo e vão embora, ou então eles só pegam um livro e vão pra casa. É, fizemos varias festas, foi um ano bem produtivo, de muita contação de história, muita visita de escola, promenor veio, por que a promenor ela tem uma ação de iniciação do jovem no mercado de trabalho, então eles vinham na biblioteca conhecer o acervo de jornais, como que o jornal foi desenvolvido, é, desenvolvido e alterado ao longo de tempo, porque eles tinham formatos maiores, foram diminuindo, a escrita dos jornais tendia para uma certa política e tinha também a politica contraria desenvolvendo outro material, tudo isso eles investigavam, e perguntavam até pro profissional que trabalha a muito tempo com jornais aqui, queriam conhecer obras raras, a gente mostra obra rara, por queque é uma obra rara, explicava tudo aquilo, é, eles queriam ver obra rara, o queque é uma obra rara, eles queriam ver, tocar já não dava por que é muitos, ai tem que usar luva, mascara, é todo um cuidado. Gostavam muito de conhecer o braille que é algo novo, quando eles viram um livro do Harry Potter que é desmembrado em 18, 20 cadernos, pra poder contar toda uma história em braille, eles ficaram, claro, Harry Potter é a leitura dos jovens naquele momento então eles gostavam bastante disso. Que eu lembro é isso, tá. Claro que no ano seguinte, em 2011 nós tivemos mudança de presidência na Fundação Catarinense de Cultura, algumas, alguns eventos foram sendo retirados da biblioteca pra ser executado em outro local, porque, exposição ficaram só nos museus. Teatro para os teatros e a biblioteca teria que trabalhar ação que voltasse para o livro, então continuamos com a oficina literária letras no jardim, e abrimos a oportunidade, como a oficina literária letras no jardim saiu, abrimos oportunidade para comunidade apresentar projetos, e a Claudete Da Matta veio com a oficina literária boca de leão, que desde 2012 ela trabalha com essa oficina, pra desenvolver a escrita de contos, ela trabalha apenas o conto, e ela sempre faz contação de história em eventos, ontem ainda teve essa oficina, ela é corrente, ela está em andamento, então se eu for falar pra você hoje, 2014 o que a biblioteca pública tem de ação cultural, visita de escola com contação de história, que é uma prerrogativa, tem a contação de historia que é a oficina literária boca de leão. Não temos um bibliotecário que trabalhe diretamente, diretamente, e exclusivamente para o setor infantil, os outros todos tem bibliotecário responsável pela parte técnica. E o setor infantil é o que mais atrai ação cultural pra biblioteca pública, seja dança, teatro, música. Isso é o que eu lembro.

3- Fale sobre as experiências com ações culturais promovidas pela BPSC que já participou.

Resposta: Eu participei de visita guiada, pelos polos, é, do ensino fundamental, médio, universidades, e também das crianças que tão no pré. Participei também de contação de histórias, por que quando as escolas vem com as crianças elas solici-

tam contação de história ou alguma ação que envolva o livro com a criança. Já contei histórias algumas vezes, não sou contador mas me empolguei com as contações e me envolvi. Contei muito com a participação das estagiárias, que passaram por mim, da UDESC passou, da UDESC passou uma da UFSC passou outra. A [nome].. a estagiária ficou dois anos comigo e a gente pode fazer muitas atividades. Então, assim, como eu já comentei fizemos comemoração de dia dos pais, comemoração de dia das mães, comemoração dia dos namorados, enfeitamos a biblioteca com cores, vermelhas, chamativas, fizemos uma mesa com café, fizemos uma ação de contação de história, música com flautas, dança. Entre esse eventos que ocorrem ao longo do ano, ocorreu ao longo do ano, as visitas foram as maiores, semanais, com muita contação de história, então a gente além de contar história, mostrava o livro, dizia que tava no acervo no setor infantil, que eles podiam fazer carteirinha, levar, levavam, na época eram só 2 hoje são 4, e você poderia voltar com os pais, renovar, então a gente fazia essa indicação, olha a história que ta sendo contada ta lá na biblioteca, pega lá. Participei também da criação da oficina de dança, a oficina de dança com uma das artistas que circulava na oficina literária letras no jardim, ela desenvolveu apenas seis meses por que, foi necessário parar, por questão de mudança de administração, mudança de direção, mudança de presidente da Fundação, então alguns eventos param, outros voltam, outros não voltam, o artista acaba indo pra outro lugar ou então não há mais essa possibilidade, por causa de horário. Alguns eventos acontecem, acontecia a noite, finalizava as 8, 9 horas, alguns eventos eu precisava estar presente, né, então como eu trabalhava de manha, as vezes a tarde, meu horário era flexível né, tinha visita de manha, eu vinha de manha, executava várias ações, ai a tarde, eu trabalhava 6 horas, vinha visita a tarde, eu vinha a tarde, vinha no fim da tarde pra pegar a noite, eu vinha no fim da tarde, e pegaram. Hoje como eu to no mestrado já não posso mais fazer isto, e hoje eu sou o responsável técnico pelas obras raras, então, eu já não trabalho mais com ação cultural desde que mudou a presidência da Fundação, em 2010 era outra. E, participei de aula de piano, né, eu ia lá pra conhecer a professora, agendava os dias que ela podia usar o auditório, o piano ficava no auditório, participei de algumas aulas, pude participar pra conhecer o piano, aprendi a tocar, pra conhecer o queque ela fazia, qual era o trabalho dela, eu tinha que estar em alguns momentos presente. Outra ação que acontecia aqui eram discussões sobre filosofia, todo mês, a cada 15 dias, no mês, acontecia a discussão sobre um filósofo francês, porque era promovida a parceria UDESC, Biblioteca Pública, que permaneceu mesmo a UDESC saindo do projeto, e a Aliança Francesa. Então a Aliança Francesa tinha um professor da UFSC que dava aula na Aliança Francesa, e ele veio com a proposta de oferecer a discussão sobre Merleau-Ponty, vários franceses, então eles mandavam, muito organizado, eles mandavam toda a programação, mandavam cartazes, impresso, já colorido, pra gente colocar no mural, divulgar no site da biblioteca, divulgávamos no site da biblioteca, mandávamos pra coordenação das Universidades, UFSC, a UDESC, mandávamos pra imprensa da própria Fundação, que divulgava entre os

colegas jornalistas, e cada público, cada ação, tinha um público diferente, então né, filosofia, é uma área que poucos se interessam ou tem horário que possa vir, que é a noite das 7 as 8 , então, alguns vinham, outros iam pra casa, mas sempre tinha público. E uma ação que eu lembrei, era a sessão de cinema as quartas feiras, era intitulado, apaixonadas por cinema. Era pra senhoras, somente, se aparecesse homem até participava, mas era um grupo grande de senhoras, e que elas mesmas escolhiam o filme que elas queriam ver, elas viam, discutiam questões que eram despertadas pelo filme, e escreviam um texto. Podia ser um texto com o parecer delas, podia ser uma crônica, podia ser uma poesia, mas elas sempre produziam algo que era lindo no próximo encontro antes do filme. Particpei uma vez só, por que assistir filme em horário de trabalho não dá né, mas eu fui liberado algumas horas pra ir lá, depois tinha que pagar em outro momento esse horário. Era um momento muito bom. Elas eram muito ativas nessa ação. Foram pra Fundação BADESC por que foi solicitado que não realizasse mais essa ação aqui, mas conseguimos trazer de volta. Elas estão hoje aqui as quartas feiras, só que hoje elas não são mais apaixonadas por cinema, grupo, e sim uma parceria com uma outra instituição. Então são dois grupos que se fundiram e vieram pra biblioteca assistir filmes,.Então, essa era a minha participação, agendar, ver o público, direcionar a divulgação pra alguns públicos e também divulgar pra comunidade, colocar um cartaz, divulgava também nos andares. Todos os andares recebiam cartazes, elevador, pra que as pessoas ficassem cientes que era aberto ao público, é, montei algumas oficinas, como falei. Oficina de encadernação, bonequeiro, contação de história. Eu realizei três oficinas de contação de história, pra aprender a contar historia, com um público diferente, por que a oficina literária letras no jardim ela era tida em várias ações, eles também tinham oficina literária, é, de contação de história. Dois deles, um homem e uma mulher, eles eram os professoras firmavam, davam toda uma filmagem pro aluno depois, um certificado, davam todo um treinamento, durante três encontros, que aconteciam a cada quinze dias pra que a pessoa treinasse em casa. Era muito rico, o momento da ação cultural, por que variava, não ficava só na contação de história, então só na escrita, não ficava no universo da escrita e do livro. Ela ia pra musica, ela ia pro teatro, ia pra dança, era muito rico, variado. Alguns, como eu comentei, alguns momentos nós precisamos parar, e voltamos em outros. Agora volta-se aos poucos. Temos hoje a oficina literária boca de leão, com a escrita de contos, e ela já abre uma outra oficina que é a contação de história, contadores de história, então ela abriu uma academia de contadores de história , primeira academia do Brasil. Então eles estão em fase e aprender como se conta história e como se porta num palco, questões cênicas, de oralidade, estão trabalhando nisso. Aos poucos estamos voltando. Visitas guiadas são agendadas, uso do auditório também é agendado. Essa é a minha participação: agendar e divulgar.

4 – Fale o que pensa sobre a contribuição das atividades culturais promovidas pelas bibliotecas públicas.

Resposta: Eu acredito que é um momento em que a biblioteca deixa de ser vista como uma guardadora de livros, e mostra que nós temos uma infinidade de ações que podem ser desenvolvidas pra, não atrair o público, mas pra entreter o público, por que os nossos usuários, eles são: moradores de rua, senhores e senhoras aposentados, estudantes...então, assim, comunidade é muito variada, então, nós precisamos atender, não só o estudante com livros didáticos, ou livros técnicos, ou então só os aposentados, ou estudantes, ou os que, como um entretenimento, com música, por que a comunidade gosta de música, sim, com contação de história, por que eles gostam de ouvir histórias. A exposição era um momento, eu, achava muito rico, por que as exposições tavam ali, as pessoas tavam passando na rua e entravam, ai queque isso? Perguntavam o queque era, eu posso olhar? Claro! É um ambiente público, a casa é sua. Entravam, olhavam, assinavam o livro, saia, voltava, as vezes voltavam com outras pessoas. Eu acredito que é um momento assim, de entretenimento, e de as pessoas entrarem e saírem pra poder usufruir do espaço, eu estou falando da biblioteca, de ações realizadas na biblioteca. Então é um momento de ver a biblioteca com outros olhos, não apenas como uma guardadora de livros, que você pega, devolve, pega, devolve. Existem outras ações acontecendo, existe momento de discussão, de temas! Existe momento de reunião pra aprender, pra socializar! É um momento que você pode se divertir! Quantas vezes as pessoas vinham aqui pra dar gargalhada com histórias, pra dar gargalhada só com os encontros. Pra escrita, que antes você conversa, você se socializa. Eu vejo com essa importância, por que você conhece pessoas, você cria, você participa de criações, você assiste, você ouve. Vários estímulos são despertados neste momento.

5 – Fale livremente sobre alguma experiência que possivelmente tenha percebido com usuários que participaram de atividades culturais promovidas pela BPSC ou por outra biblioteca.

Resposta: Deixa eu lembrar!! São vários momentos que a gente tem retorno do usuário. Mas o que me chamou atenção, foi que numa dessas visitas de escola, veio uma menina, com a mãe. A mãe que veio trazer. Ah, a minha filha vai, também quero ver o que ela vai assistir. Essa menina veio, conheceu a biblioteca, e, adotou a biblioteca, por que ela... em 2010 se eu olhar na agenda, eu vou ver quando a [nome da estagiária] saiu.. a minha estagiária. Ela ficou dois anos aqui, circulando na biblioteca, com a gente! Até me emociona!! Só que...por questões políticas, questões também de lei, né, a menina teve que ser retirada! É né, uma coisa] que mexe, tanto que mexeu di novo! Eu lembrei até da [Ida Mara Freire] professora da UFSC. Ela disse, que quando a gente relembra coisas, a gente sente dores, sente alegria! Mas essa menina foi muito legal, por que assim, ela era uma apaixonada por livro, por leitura, quando tinha contação de história, ela tava la sentada ouvindo, ela parti-

icipou de varias contações. E, ela queria contar história também! Ela participou de algumas oficinas de contação de história, por que ela sentava e ouvia, a oficina acontecia no setor infantil e ela ali. Há, vai ter visita guiada, posso tirar foto pra você? Eu disse assim, olha você não pode trabalhar, mas, eu vou deixar você tirar uma ou outra foto, mas eu quero eu você sente pra ouvir também. E a mãe tava ali. As vezes a mãe saia, e falava, ó tal hora eu volto pra te pegar. Então, a gente, naquele momento ela tava sob a minha guarda, sob a guarda da estagiária! Mas no momento em que a mãe chega, a gente devolve a guarda, né, porque! Mas são , tem questões assim que entristecem, que é... aaaa a política te diz que você não pode mais fazer! Poh mas ai tu empolgado, cheio de projeto, a agenda cheia, e eu não posso mais fazer. Então, isso foi o que me desmotivou, então eu falei: olha, os eventos acabaram, o que eles tão, o que é permitido hoje em 2012..acho que já aconteceu isso, pode acontecer sem mim, então, eu gostaria de trabalhar em outro setor. Que eu ia ficar como secretário da diretora, ai me deram obras raras, que eu amo, jornais e revistas, eram... é, a um conhecimento que eu preciso ter pra desenvolver um bom trabalho, então, com obras raras não, é o que eu gosto, já to estudando, pesquisando, escrevendo , então sobre, então eu passei prali. Foi isso. Acabei lembrando e sentindo aquelas angustias novamente, que eu tive com a minha estagiária! Ela também teve quando acabou.

6 – Fique a vontade para falar mais alguma coisa se desejar.

Resposta: Eu to num momento de mestrado, é um momento difícil, um momento de isolamento e de também, de busca, de auxilio, mas, eu gostaria de voltar pro setor infantil, que é um setor que não tem bibliotecário, e voltar a fazer essas ações! E voltar a fazer essas ações, mais direcionadas. Porque:? Eu tenho lido muito coisa sobre ação cultural e ação em bibliotecas escolares, por que eu acho que o povo, os estudantes, e agora tem uma especialização também acontecendo, começou a despertar a escrever, isso motiva quem lê, a escrita motiva né, e, eu to com uma vontade muito forte de adotar o setor infantil, que necessita de um bibliotecário, não tem responsável, pra fazer contação de história, trazer a criança, ir até a escola, ensinar o queque é um livro, o queque é uma lombada, mostrar o livro pra criança, depois, aos poucos, ir inserindo como que ela pode pesquisar, como que ela pode fazer uma pesquisa. Há projetos, vários que podem ser desenvolvidos. Então, eu não gosto de ficar parado, eu acho que se eu voltar pro setor infantil, eu consigo fazer muita coisa, e a biblioteca volta a ter outros olhos, por que se, se você faz uma ação, que chama a comunidade, que chama atenção da comunidade, chama também a atenção dos nossos representantes maiores. Quem sabe não acontece algo ai, que possa mudar esse quadro da cultura em geral, por que a cultura ta muito largada. É isso!

APÊNDICE E - DSC

1 - Fale com suas palavras o que entende por Ação Cultural

Sujeito	Expressões-chave	Ideias-Centrais
Ab.	É tudo que incentive as pessoas, as crianças, adultos, jovens a utilizarem a biblioteca. O espaço cultural, é tudo que fomenta esta ação.	Incentivo para o uso da biblioteca Espaço cultural
Ac	atividades que a biblioteca desenvolve com o objetivo de incentivar a leitura, de interagir com os usuários, atrair novas pessoas para a biblioteca.	Incentivo a leitura Incentivo para atrair pessoas para a biblioteca
Ad	um movimento onde a gente possa integrar, acho que comunidade escolar, população em geral em ações, de cultura, [...]	Integrar os usuários com a biblioteca
Ae	atividades, que são desenvolvidas no âmbito interno ou externo de qualquer instituição, que tem o foco principal em circulação e de dinamização dos produtos culturais. [...]em diversas linguagens artísticas e culturais, dança, música, teatro, atividades de leitura. [...] voltado à essa dinamização de circulação de bens e produtos culturais.	Circulação e dinamização dos produtos culturais
Af	algo que é desenvolvido pensando o cidadão, falando no nosso caso especificamente em biblioteca , nosso usuário, o leitor, algo que [...], possa ser levado a ele o tipo de informação também, através de diversas culturas, diversas ações	Algo desenvolvido pensando no cidadão Levar a informação através de diversas ações
Ag	toda a manifestação que é desenvolvida em qualquer organização pra trabalhar as varias culturas, e também trabalhar elementos das culturas, [...] ação cultural é ação que desenvolve elementos da cultura pra sociedade	Ação desenvolvida para trabalhar os vários elementos de culturas para a sociedade

2 - Fale sobre as experiências que VOCÊ teve com ações culturais ao longo de

sua vida

Sujeito	Expressões-chave	Ideias-Centrais
Ab	Só vim conhecer mesmo este tipo de ação quando eu entrei na faculdade aqui em Florianópolis [...] foi ali que eu entrei nesse mundo, não é um mundo que eu me adapte, não é um mundo que faz parte do meu eu profissional [...] não é o meu foco mas eu tive bastante contato, a gente teve que fazer apresentações de teatro[...]aqui na biblioteca pública, quando eu entrei [...]ainda aconteciam algumas coisas, muito poucas, no setor infanto-juvenil[...], a gente até tentou [...] fazer outros projetos, mas com a troca da presidência da Fundação Catarinense de Cultura, a gente foi barrado, então, tudo o que existia na Biblioteca Pública, foi, tirado fora, não existe mais, até hoje não existe mais nenhum, nenhuma ação cultural na Biblioteca Pública.	Só foi ter contato na Faculdade Trabalho - Biblioteca Pública
Ac	lembro mais era em colégio[...]atividades de leitura [...] passeava pra museus, as vezes a professora orientava a gente nas bibliotecas, mostra de filme	Atividades realizadas pela escola em que estudava.
Ad	eu comecei a trabalhar assim, ação cultural que eu tive mais presente, foi quando eu trabalhei na Prefeitura de Florianópolis,[...] eu trabalhava com artesanato, local, daqui de Florianópolis	Trabalho - Prefeitura de Florianópolis.
Ae	Desenvolvi algumas atividades de ações culturais no campo de leitura, principalmente em feiras de livros,[...] eram atividades culturais [...] relacionadas ao meio ambiente [...] desenvolvi também um projeto de educação patrimonial, que era em fotografias, sobre a cidade, ai retratava casarios, retratava arquitetura, mudanças paisagísticas, a cidade.	Desenvolvimento de atividades culturais
Af	Sempre fui bastante envolvida [...] desde a época de colégio eu gostava de participar de apresentações na escola [...], fora isso, gosto também de mexer com artesanato [...], tanto pra meu crescimento, quanto pra trabalho voluntário.	Envolvimento em atividades na escola Satisfação pessoal – artesanato

Ag	<p>Eu tive envolvimento com ação cultural, aqui na Biblioteca Pública, que foi o mais forte [...], [...] eu cheguei, comecei a conhecer a biblioteca como um todo, direção, setor técnico, setor de Santa Catarina, por que tudo isso eu posso desenvolver ação, o setor de obras raras, ai fui pra literatura, tem braile, periódicos [...] como que eu vou fazer a interação da comunidade com esse material, no primeiro dado, as obras gerais também, tem computador [...] também trabalhei no setor infantil [...] mantemos durante todo o ano de 2010 eu trabalhei, com ação cultural, e, fazendo isso, é, fizemos varias exposições. Também acontecia o Hall a semana do troca troca, [...], muitos professores vinham, e a gente acabava fazendo esse evento essa ação que já era da biblioteca também, fizemos algumas edições[...] continuei com aula de piano, que é da época da UDESC também, segui mais 2 anos com aula de piano aqui dentro. [...] eu fiz uma oficina aqui na biblioteca em parceria com a ACB, Associação de Bibliotecários, foi somente uma edição, é, houve busca do público pra esse fim, também fizemos oficina de criação de bonecos, pra usar na contação de história, e era feito de material reciclado, [...] no ano seguinte [...]foi ofertado pra eles uma oficina de contação de história, onde puderam, ou não, usar o boneco, que eles criaram. [...]Fizemos festa de aniversário da biblioteca, fizemos dia do livro da biblioteca, tudo com contação de história, dança, recital de poesia. Fizemos, aaa, oficina literária, “Letras no jardim” também era uma ação que acontecia na época da UDESC, permaneceu por 2 anos [...],o público vinha pra aprender a escrever romance, poesia[...]Nas festas, a gente contava muito com a participação do, de um usuário da biblioteca, que ele tem deficiência visual, ele é cego, ele toca flauta, clarinete, e mais um instrumento de</p>	Trabalho – Biblioteca Pública
----	---	-------------------------------

	<p>sopro [...] algumas pessoas passavam na rua, viam, entravam, ai tinha, recital de poesia, tinha dança, tinha contação de história [...] Muitas dessas pessoas voltaram, frequentaram o infantil, por que eles vem muito, os pais vem com os filhos pra ouvir contação de história, e acabam vindo fazem a carteirinha levam gibis, veem livros, frequentam, ficam lendo um [...]</p> <p>Claudete Da Matta veio com a oficina literária “Boca de leão”, que desde 2012 ela trabalha com essa oficina, pra desenvolver a escrita de contos[...]hoje, 2014 o que a biblioteca pública tem de ação cultural, visita de escola com contação de história, [...]</p>	
--	--	--

3- Fale sobre as experiências com ações culturais promovidas pela BPSC que já participou.

Sujeito	Expressões-chave	Ideias-Centrais
Ab	<p>No setor infanto-juvenil, nunca teve um [...] na biblioteca pública a gente teve semana de livro e literatura, a gente tem, teve a uns anos, a celebração do dia do bibliotecário[...] a gente trouxe palestrantes, a gente deu palestra, e a gente botou a biblioteca em pauta, [...] as pessoas vieram pra biblioteca pra outras funções que eu acredito que fazem parte dessa ação cultural, eu to transformando a biblioteca num agente cultural levando cultura diferente pras pessoas[...] teve outra época de vestibular que a gente trouxe alguns autores catarinenses e que então fizeram palestras pros os alunos de vestibular sobre os livros que iam cair na UFSC [...]com a entrada desse presidente que agora já não ta mais, [...] barrou tudo, então, a gente tinha os apaixonados por cinema [...], foi barrado, a gente tinha dois grupos de leitura, que é o livros no jardim, [...] , mas tudo foi tirado, e até hoje a gente não recebeu nada de volta.</p>	<p>Semana do Livro e Literatura</p> <p>Palestra</p> <p>Conversa com autores</p>
Ac	<p>[...] não peguei assim nenhuma mesmo, eu sei que tem uma que é contação de</p>	<p>Não participou</p>

	história, mas eu não participei [...]	
Ad	Participei, [...] foram só contação de história, e a biblioteca desenvolve a oficina boca de leão[...] que forma contadores de história, um projeto gratuito, e formadores também de contos [...] no final deste ano estamos finalizando um livro de contos para ser publicado	Contação de história
Ae	Participei [...], principalmente nos anos 80 (oitenta), 80 e parte de 90 (noventa), que eram cinema, nós fazíamos projeções de filmes, diversos gêneros, fazíamos também uma atividade aos sábados, que era, uma vez no mês aos sábados, que era “Porque hoje é Sábado”, onde nós fechávamos a rua Tenente Silveira na frente, e ali vinham crianças, crianças e adolescentes, e e a gente fazia atividades com pinturas, dramatização... [...] leitura [...] vinculava muito ao setor infantil [...]. Essa sessão de cinema a gente fazia 12:30[...] principalmente atender àquele público [...], meio dia o comercio fechava [...], então era pra atrair inclusive esses comerciários [...] e a população em geral, [...]	Cinema Atividades culturais nos finais de semana para crianças e adolescentes
Af	não cheguei a participar dessas experiências, vi, soube, de algumas que aconteceram, mas não me envolvi em nenhuma [...] logo já terminou assim, teve momentos assim, aniversario da biblioteca, semana do livro, [...] contação de histórias, teve apresentação cultural de alguma dança, mas [...] não tive participação não em nenhuma delas	Não participou

Ag	<p>Particpei de visita guiada, pelos polos [...], também de contação de histórias, Já contei histórias algumas vezes, [...], como eu já comentei fizemos comemoração de dia dos pais, comemoração de dia das mães, comemoração dia dos namorados[...] uma ação de contação de história, música com flautas, dança. Entre esse eventos [...], ocorreu ao longo do ano, as visitas foram as maiores, semanais, com muita contação de história, [...] além de contar história, mostrava o livro, dizia que tava no acervo no setor infantil, que eles podiam fazer carteirinha, levar[...] voltar com os pais, renovar[...] participei também da criação da oficina de dança, [...] Alguns eventos acontecem, acontecia a noite, finalizava as 8, 9 horas [...]Hoje [...] já não posso mais fazer isto, e hoje eu sou o responsável técnico pelas obras raras,[...] não trabalho mais com ação cultural desde que mudou a presidência da Fundação, em 2010 . Outra ação que acontecia aqui eram discussões sobre filosofia,[...] cada ação, tinha um público diferente,[...]. E uma ação que eu lembrei, era a sessão de cinema as quartas feiras, era intitulado, apaixonadas por cinema. [...] era um grupo grande de senhoras, e que elas mesmas escolhiam o filme que elas queriam ver, elas viam, discutiam questões que eram despertadas pelo filme, e escreviam um texto. [...] produziam algo que era lindo no próximo encontro antes do filme. [...]. Era um momento muito bom. Elas eram muito ativas nessa ação. [...]Elas estão hoje aqui as quartas feiras, só que hoje elas não são mais apaixonadas por cinema, grupo, e sim uma parceria com uma outra instituição. [...]essa era a minha participação, agendar, ver o público, direcionar a divulgação pra alguns públicos e também divulgar pra comunidade, colocar um cartaz [...] pra que as pessoas ficassem cientes que era aberto ao público, é, montei algumas</p>	<p>Visita guiada</p> <p>Contação de histórias</p> <p>Comemorações festivas</p> <p>Atividades musicais</p> <p>Dança</p> <p>Roda de conversa sobre filósofos</p> <p>Sessões de Cinema</p> <p>Oficinas</p>
----	---	---

	<p>oficinas, como falei. Oficina de encadernação, bonequeiro, contação de história. Eu realizei três oficinas de contação de história, pra aprender a contar historia, com um público diferente, por que a oficina literária letras no jardim ela era tida em várias ações, eles também tinham oficina literária, é, de contação de história. Dois deles,[...] era muito rico, o momento da ação cultural, por que variava, não ficava só na contação de história, então só na escrita, não ficava no universo da escrita e do livro. Ela ia pra musica, ela ia pro teatro, ia pra dança, era muito rico, variado. Alguns, como eu comentei, alguns momentos nós precisamos parar, e voltamos em outros. Agora volta-se aos poucos. Temos hoje a oficina literária boca de leão, com a escrita de contos, e ela já abre uma outra oficina que é a contação de história, contadores de história, então ela abriu uma academia de contadores de história , primeira academia do Brasil. [...]. Aos poucos estamos voltando. Visitas guiadas são agendadas, uso do auditório também é agendado. Essa é a minha participação: agendar e divulgar.</p>	<p>Oficina literária</p> <p>agendar</p> <p>divulgar para a comunidade</p> <p>direcionar a divulgação</p>
--	---	--

4- Fale o que pensa sobre a contribuição das atividades culturais promovidas pelas bibliotecas públicas.

Sujeito	Expressões-chave	Ideias-Centrais
Ab	<p>[...] muitas dessas atividades, [...] a gente teve que correr atrás de público, [...] teve a semana do livro e da literatura, teve contação de história, teve teatro com o Valdir Dutra, a gente tinha que ir no colégio correndo arrecada-los para trazer para esse lado por que senão o publico era zero, então eu acho que essas ações culturais, elas tem que ser uma coisa contínua, elas não podem ser pontuais[...] por exemplo, hoje sábado, o setor infanto-juvenil poderia ter uma contação de história assim como a livraria catarinense tem hoje, né, poderiam</p>	<p>As atividades desenvolvidas pela Biblioteca deveriam ser contínuas</p>

	trazer essas crianças para outros tópicos, isso não acontece[...] eu acho que é muito importante, assim, essa busca pelo novo, essa conquista, e é uma conquista muito difícil, conquistar as pessoas a ler, bem difícil.	É muito importante buscar o novo, fazer com que as pessoas tenham o gosto pela leitura
Ac	Acredito que tem importância pra incentivar a leitura, tem algumas bibliotecas também que promovem cursos,[...]profissionalizantes de artes, também não só voltado a leitura.	Incentivo a leitura Promoção de cursos
Ad	se tem uma ação cultural, [...] acho que ela tem que ser voltada pra livro e literatura, né, não qualquer ação, tem outras bibliotecas que fazem curso de corte e costura, não estou criticando né, [...]pela experiência, que quando eu entrei na biblioteca, havia alguns cursos de pintura, de musica, as pessoas entravam faziam o curso e saiam, então, a gente trazia as pessoas pra dentro da biblioteca, mas elas vinham pontualmente fazer essas atividades, e não desenvolviam o gosto pela leitura, o despertar pelo que a gente tinha no acervo, então eu acho que, esse projeto de ação cultural dentro da biblioteca tem que ser voltado pra o livro e literatura e por movimento de ler também, de trazer também, á biblioteca, trazer escolas, fazer casar a contação de historias com os livros cobrados em sala de aula, de ficha de leitura, [...]	A ação cultural tem que ser voltada para a leitura.
Ae	toda coletividade uma série de ações voltadas nessa parte de circulação de produtos culturais, [...]. Tem as bibliotecas também, ali a biblioteca do Estreito, que é a Barreiros Filho, apesar que é uma biblioteca que tem uma ação muito local, ela não tem uma ação municipal em todas as comunidades da ilha e do continente né, mas também ela abre pra tapeçarias, pra rendas né, algumas propostas de ações culturais voltadas também, [...] pras identidades culturais, eeh...essas bibliotecas, os trabalhos de leituras [...] que são feitos também [...] dramatizações,	Potencializar o espaço da biblioteca Deve proporcionar outras ações culturais

	<p>teatro, juntando teatro, juntando também [...] saraus musicais né. Eu vejo que a biblioteca tem esse campo, tem essa obrigação de ser um centro aberto [...] de difusão [...] principalmente da parte cultural. não só necessariamente que esteja voltado pra o empréstimo de livro ou consulta local [...] ou o acesso a informação, ela deve proporcionar a</p>	<p>Espaço aberto de difusão cultural</p>
Af	<p>[...] acho que é oportunizar, primeiramente inclusive bibliotecas públicas é um publico que a gente tem bem geral, heterogêneo, de levar essas ações a essas pessoas que não teriam essa oportunidade, aqui na biblioteca na semana do livro e na semana da criança, a gente tem apresentação de teatros, então vem creches, centro infantil, bem carentes, então que eles não teriam essa oportunidade de assistir a uma peça de teatro se não fosse aqui, [...], então acho isso é importante, de repente se a gente não tivesse feito isso não sei se terão outras oportunidades daqui pra frente, alguns sim, outros talvez não, então de trazer, de aproximar o povo a essa cultura [...]</p>	<p>Inclusão</p> <p>Promoção cultural</p>
Ag	<p>[...] é um momento em que a biblioteca deixa de ser vista como uma guardadora de livros, e mostra que nós temos uma infinidade de ações que podem ser desenvolvidas pra, não atrair o público, mas pra entreter o público, por que os nossos usuários, eles são: moradores de rua, senhores e senhoras aposentados, estudantes...[...] então, nós precisamos atender, não só o estudante com livros didáticos, ou livros técnicos, ou então só os aposentados, ou estudantes, ou os que, como um entretenimento, com musica, por que a comunidade gosta de musica, sim, com contação de história, por que eles gostam de ouvir histórias. A exposição era um momento, eu, achava muito rico, por que as exposições tavam ali, as pessoas tavam passando na rua e entravam, ai queque isso? Perguntavam o queque era,</p>	<p>Potencializar o espaço da biblioteca</p> <p>Inclusão</p>

	<p>eu posso olhar? Claro! É um ambiente público, a casa é sua. Entravam, olhavam, assinavam o livro, saía, voltava, as vezes voltavam com outras pessoas. Eu acredito que é um momento assim, de entretenimento, e de as pessoas entrarem e saírem pra poder usufruir do espaço, eu estou falando da biblioteca, de ações realizadas na biblioteca. Então é um momento de ver a biblioteca com outros olhos, não apenas como uma guardadora de livros, que você pega, devolve, pega, devolve. Existem outras ações acontecendo, existe momento de discussão, de temas! Existe momento de reunião pra aprender, pra socializar! É um momento que você pode se divertir! [...] Eu vejo com essa importância, por que você conhece pessoas, você cria, você participa de criações, você assiste, você ouve. Vários estímulos são despertados neste momento.</p>	<p>Espaço de entretenimento</p> <p>Socialização</p> <p>Despertar estímulos</p>
--	--	--

5- Fale livremente sobre experiências com usuários que participaram de atividades culturais promovidas pela biblioteca BPSC.

Sujeito	Expressões-chave	Ideias-Centrais
Ab	<p>[...] fui fazer uma oficina de conservação de acervo, em papel, e nessa oficina, muita gente não conhecia a biblioteca pública, por que era no Estado inteiro, eu como funcionária daqui, tive a ideia, dei a sugestão de irmos conhecer a biblioteca [...] de fazer uma visita guiada com esse pessoal[...] a visita guiada é outra coisa que já não existe mais aqui na biblioteca, existia, mas hoje não existe mais, e, a surpresa deles, de conhecer, de saber o que tem aqui dentro, foi tão grande, que muita gente que mora em locais assim, muito longe daqui, começaram a fazer seu cadastro, e a pegar livro, arrumar um jeito de entregar de volta, [...] isso pra mim, foi uma experiência positiva, assim, por mais que possa não ser uma ação cultural, mas o pessoal realmente sentiu necessidade de vir pra biblioteca [...]</p>	<p>visita guiada e essas pessoas a pessoas de fora da cidade</p> <p>Foi muito gratificante pois a maioria mora em outras partes do Estado, mas se cadastraram na biblioteca e regularmente dão um jeito de pegar um livro ou mais e devolver.</p>

Ac	percebi em uma outra biblioteca que eu trabalhava que, quando a gente fazia mais atividades com livros, [...] eles procuravam mais livros depois na biblioteca, eles perguntavam mais, se interessavam, [...], digo, a procura de livros aumentou	Quando a biblioteca desenvolvia atividades com livros, os usuários aumentavam sua procura por livros.
Ad	[...] mas aqui na biblioteca eu vejo que, [...], é mais a contação de história, e, é pra criança de 5 a 10 anos, então, eu vejo que eles tem a curiosidade de buscar o livro que conta essa história que ta sendo contada na contação de história, então eles tem essa necessidade de ver o livro [...], quando a contação de história é vinculada ao livro [...] então se a contação de história é vinculada a alguma literatura eles tem [...] esse interesse de buscar o livro, de ver o livro [...] a parte física da história.	contação de história, necessidade de conhecer o livro que está vinculado a essa história,
Ae	Tem um projeto, [...] era um trabalho que era desenvolvido na biblioteca, [...] que era pela Fundação Catarinense de Cultura [...] Era o projeto Autor Escola, onde levava nas escolas [...] e também em outros ambiente, mas, e também na biblioteca a aproximação entre o leitor e o escritor [...]; então, eu lembro que o Amílcar Neves fez algumas, alguns trabalhos, Flávio Cardoso, João Paulo Silveira de Souza que eram escritores que trabalhavam muito com contos e crônicas, e eles faziam esse trabalho de circulação nas escolas e a biblioteca dava muita chancela ta. Eu lembro também que dos trabalhos, que eu peguei esse período ai na primeira parte de 90 quando a biblioteca tinha o carro biblioteca, que fazia as circulações em comunidades, levando leitura e também fazendo algumas, às vezes levava algum sketch de teatro [...] são projetos [...] que marcaram, e que desapareceram.	autores iam nas escolas aproximação do leitor com o escrito carro biblioteca que circulava nas comunidades levando a leitura e alguns outros projetos.
Af	[...] acho que aqui essa parte [...], das crianças assim [...] eu não me envolvi na organização mas vi as crianças vindo aqui, e vi assim, a alegria, [...] ficaram deslumbrados em ver assim, uma	crianças encantadas com as peças teatrais.

	pequena peça teatral do seu Valdir Dutra no nosso auditório, e ficaram encantados [...] pra gente é tão comum [...] e, pra eles, assim, foi incrível, [...]	O que pra gente é tão comum pra eles foi incrível.
Ag	[...] São vários momentos que a gente tem retorno do usuário, Mas o que me chamou atenção, foi que numa dessas visitas de escola, veio uma menina, com a mãe, [...]Essa menina veio, conheceu a biblioteca, e, adotou a biblioteca [...]. Ela ficou dois anos aqui, circulando na biblioteca, com a gente! [...] por questões políticas, questões também de lei, [...] a menina teve que ser retirada! [...] Mas essa menina foi muito legal, por que assim, ela era uma apaixonada por livro, por leitura, quando tinha contação de história, ela tava lá sentada ouvindo, ela participou de varias contações. E, ela queria contar história também! Ela participou de algumas oficinas de contação de história, por que ela sentava e ouvia, a oficina acontecia no setor infantil e ela ali. [...] Mas são , tem questões assim que entristecem, [...] a política te diz que você não pode mais fazer! [...] tu empolgado, cheio de projeto, a agenda cheia, e eu não posso mais fazer. Então, isso foi o que me desmotivou [...]	São vários momentos em que se tem o retorno do usuário uma menina adotou a biblioteca Isso desmotiva.

6- Fique à vontade para falar mais alguma coisa se desejar.

Sujeito	Expressões-chave	Ideias-Centrais
Ab	é muito importante[...] a gente sabe, agente estuda, é uma teoria , a gente tem que saber, tem que ter tudo isso, mas quando a gente chega num local num estado, num município, ou numa esfera Federal, e , a gente esbarra na política, na burocracia, muitas vezes as coisas não vão funcionar do jeito que a gente aprendeu, então[...]sempre digo [...] orienta [...] ajuda estagiários que fazem o obrigatório [...] a gente diz pra ele, olha, muita coisa do que a gente estuda, a gente não aplica, e muita coisa que eu	Nem sempre o que se aprende na prática se aplica na teoria. Quando se chega em um local, Estado, Município ou esfera federa, esbarra-se na burocracia;

	<p>[...], aprendi hoje, foi durante os meus estágios, tanto que eu fiz estágio durante toda a minha faculdade, então eu conheci muita coisa durante a faculdade, e vi que nem tudo que a gente ouve, ou que a gente lê, é verdade[...] então a ação cultural talvez acabe ficando em segundo plano, por exemplo, hoje eu tenho , eu to fazendo um retrabalho, [...] eu to arrumando o acervo, de participação, de catalogação, e nesse momento a gente poderia estar fazendo essas outras ações, só que somos em poucos, eu [...] por exemplo, não gostaria de vir pra cá domingo, uma vez a biblioteca abria sábado, fechava a rua Tenente Silveira, as crianças iam aqui pra rua, mas eu, o meu perfil profissional, eu não faria isso, já trabalhei em colégios em biblioteca escolar, já trabalhei com crianças, já fiz todo esse tipo de leitura de realmente, de pegar a criança, de contar história, me vestir de bruxa, mas hoje, [...] não tenho mais o perfil, pra mim, foi uma experiência que passou, [...] isso também vai depender das pessoas que atuam na biblioteca, hoje, aqui na biblioteca, se eu fosse contar, acho que eu teria uma ou duas pessoas com esse perfil, bibliotecários mesmo[...] pra eles receber o salário no final do mês, tá bom, não tem por que ir mais além, ou ter que fazer alguma coisa para o bem da biblioteca, o bem maior sou eu, então, eu acho que tudo depende do que a instituição quer e das pessoas que trabalham nessa instituição</p>	<p>muita coisa que aprendi foi nos estágios</p> <p>Nem tudo que a gente ouve na faculdade, ou que a gente lê é verdade; Talvez a ação cultural acabe ficando em segundo plano.</p> <p>Já fiz todo tipo de ações mas hoje , meu perfil profissional, eu não faria mais isso depende das pessoas que atuam nas bibliotecas</p> <p>Foi uma experiência que passou;</p> <p>depende do que a instituição quer de seus funcionários</p>
Ac	<p>[...] a biblioteca tem que fazer mais ações culturais, procurar mais parcerias, pra tentar integrar mais a comunidade com a biblioteca</p>	<p>Procurar mais parcerias para integrar a comunidade com a biblioteca.</p>
Ad	<p>[...] acho importante a questão de projetos voltados pra literatura mesmo, dentro da biblioteca, assim, acho que a gente carece de projetos [...] na verdade, eu não tenho um bibliotecário que tem esse perfil, né, pra fazer a questão da contação de</p>	<p>É importante projetos voltados para a literatura; A biblioteca carece de projetos;</p>

	<p>história [...], de trazer o leitor, na verdade, [...] tive assim, uma outra experiência que eu esqueci de citar que foi no ano passado, que os livros do vestibular da UFSC, eles eram, eu não sei a quantidade, mas 4 ou 5 eram de autores catarinenses, então a gente teve aqui um professor, teve alguns escritores que ainda estavam vivos, e vieram falar sobre o livro, então foi uma experiência bem legal [...] então eu acho que tem sempre essa questão né, de casar o livro com uma história [...] pra chamar a atenção pra buscar a atenção do leitor.</p>	<p>Não tem um bibliotecário com o perfil pra contação de histórias;</p> <p>parceria com escritores e professores</p> <p>Acho que é muito legal casar um livro com uma história para buscar a atenção do leitor.</p>
--	---	---

Ae	<p>As bibliotecas, elas tem que investir [...] apesar que a gente saiba das dificuldades, questão de recursos humanos, questão de parceria, mas elas tem que investir nas ações culturais [...] ações educativas e culturais, porque é ali que você vai possibilitar a gente formar leitores, formar novos usuários, aproximar esses serviços dessas populações mais desassistidas, ou então esses leitores que estão afastados. Se o papel da biblioteca é democratizar o acesso as informações e também ao conjunto de seu acervo [...], ela tem que proporcionar essas atividades, ta na hora de quebrar esse silêncio, eu vejo que biblioteca não é local de silêncio, é lugar de efervescência cultural né, logo essas atividades culturais vão dar uma nova dimensão pra essas ações. [...] eu lembro que era mais ou menos o que? 82, 83, 84, nosso setor infantil era um setor muito pequenininho, até mesmo porque os espaços aqui eram difíceis a biblioteca dividia os espaços com outras repartições públicas, mas a diretora da época, a dona Maria Lucia Barreto, ela, uma mulher muito envolvida com as questões, preocupada com a biblioteca, ela criou esse espaço, tanto que depois foi batizado como tia Lucia esse espaço, e os</p>	<p>As bibliotecas tem que investir</p> <p>Democratizar o acesso a informação</p> <p>a biblioteca não é um local de silencio, é um local de efervescência cultural</p> <p>Nos anos 80 o setor infantil era muito pequeno.</p> <p>meninos e meninas de rua começaram a frequentar a biblioteca e vir pegar gibis, historias infantis;</p> <p>começaram a construir outros espaços criando um ambiente melhor e mais aconchegante e</p>
----	---	--

	<p>primeiros, assim, frequentadores desse espaço eram as meninas e meninos de rua, que utilizavam, começavam a vir pegar os gibis, as histórias infantis, [...]vendo essa importância né, dessa aproximação do setor infantil com seu público mesmo, começou a se constituir outros espaços onde foi no subsolo e se criou um ambiente melhor, mais aconchegante, aumentou-se o número do acervo. Então, essas iniciativas é que marcam porque são pequenos projetos, são pequenas ações, mas que tem um propósito muito claro, muito definido que é ir ao encontro do seu público. A biblioteca, ela precisa ir ao encontro dos seus usuários, o seu público que ta distante, pode ser crianças, pode ser adolescente, pode ser moradores de rua, pode ser desempregados, pode ser trabalhadores ativos, pode ser idosos né, a biblioteca sempre tem que sempre pensa nesses públicos, esses públicos que estão afastados, e acredito que as ações culturais servem como estratégia, primeiro pra firmar os objetivos da biblioteca e segundo pra atrair esses novos...essas quantidade de leitores[...] que tão ai dispersos.</p>	<p>aumentando o numero do acervo;</p> <p>ir ao encontro do seu publico;</p> <p>a biblioteca precisa ir ao encontro dos seus usuários, do seu público;</p> <p>as ações culturais podem servir como estratégias para atrair novos leitores que estão dispersos por ai.</p>
Af	<p>Sinto falta da nossa biblioteca de não ter praticamente nenhuma ação cultural [...] e isso me incomoda, [...] quando a gente sai da nossa biblioteca e conhece outras realidades, a gente vê tanta coisa, a gente teve agora visitando outras bibliotecas públicas, até fora do Estado, e [...] quando você sai, você vê o que os outros estão fazendo, primeiro te entristece a tua biblioteca que não faz nada, depois te da uma gás, não, vou chegar e, vou fazer, o mínimo que seja, por que a gente ve que não são coisas grandiosas, são coisas pequenas que os outros estão fazendo, mas que tão trazendo o leitor pra dentro da biblioteca, que tão trazendo gente que ta na rua, tão trazendo estudantes, e tão enchendo a biblioteca[...] parece que a</p>	<p>Sinto falta da nossa biblioteca não ter ação praticamente nenhuma ação cultural;</p> <p>Quando se conhece outras realidades em bibliotecas de outros estados, ve o que os outros estão fazendo;</p> <p>Vejo a nossa biblioteca como uma depositaria de livros;</p>

	<p>gente ta tão acomodado, não tem ninguém, o queque a gente faz, chega um usuário pra pegar um livro, a gente vai na estante, pega, hoje, eu vejo a nossa biblioteca como uma depositaria de livros, e isso me inquieta[...] quando você sai, você ve acima de tudo, você quer chegar aqui, e fazer algo diferente, mas ai tem todo o entrave do serviço público, outros ene fatores que te impedem e a [...] acaba se acomodando, então, assim, gostaria de minha biblioteca, digo minha por que aqui eu trabalho, eu frequento, um organismo vivo, cheia dessas atividades, mas por enquanto ela esta estagnada, não sei o queque precisa, se depende só de nós bibliotecários, depende também do serviço publico, mas precisava duma de uma grande reestruturação, nossa mesmo, e, digo nossa, dos servidores, pra que a gente pudesse ser, voltar a ser o que essa biblioteca pública já foi, não conheci, mas os mais antigos que estão aqui falam que tinha época que a porta tinha que fechar, tinha que esperar um pouco que o pessoal sair, pra outros entrarem de tanta, tanta gente que tinha aqui, funcionava aqui a escolinha de arte também que hoje ta no CIC, né, isso trazia muitas crianças, até adolescentes, hoje a gente ve gente adulta, eles vem aqui, perguntando se ainda tem a escolinha, a gente, não, não funciona mais aqui, agora é no CIC, e eles falam, nossa quando eu era criança eu fazia escolinha de arte aqui, então, assim, isso te deixa saudoso né, mesmo que você não conheça, que pena, que pena que não tem mais isso, por que a gente perdeu[...]</p>	<p>Não são coisas grandiosas, são pequenas as que os outros estão fazendo, mas trazem o leitor que ta na rua pra dentro da biblioteca;</p> <p>Parece que a gente ta acomodado;</p> <p>Tem todo o entrave do serviço público e ene fatores que te impedem;</p> <p>a biblioteca fosse um organismos vivo, cheio dessas atividades</p> <p>uma grande reestruturação; Isso te deixa saudoso, por que não tem mais, por que a gente perdeu.</p>
Ag	<p>[...]eu gostaria de voltar pro setor infantil, que é um setor que não tem bibliotecário, e voltar a fazer essas ações! E voltar a fazer essas ações, mais direcionadas [...] Eu tenho lido muito coisa sobre ação cultural e ação em bibliotecas escolares[...] e agora tem uma especialização também acontecendo,</p>	<p>O setor infantil não tem bibliotecário responsável;</p> <p>Eu to com uma vontade muito forte de adotar o setor infantil;</p>

	<p>começou a despertar a escrever, isso motiva quem lê,[...] e, eu to com uma vontade muito forte de adotar o setor infantil, que necessita de um bibliotecário, não tem responsável, pra fazer contação de história, trazer a criança, ir até a escola, ensinar o queque é um livro, o queque é uma lombada, mostrar o livro pra criança, depois, aos poucos, ir inserindo como que ela pode pesquisar, como que ela pode fazer uma pesquisa. Há projetos, vários que podem ser desenvolvidos. [...] se você faz uma ação, que chama a comunidade, que chama atenção da comunidade, chama também a atenção dos nossos representantes maiores. Quem sabe não acontece algo ai, que possa mudar esse quadro da cultura em geral, por que a cultura ta muito largada.[...]</p>	<p>Trazer a criança, ir até a escola, ensinar o que é um livro, uma lombada, ensinando ela a pesquisar.</p> <p>Há vários projetos que podem ser desenvolvidos;</p> <p>chamar a atenção dos nossos representantes maiores</p> <p>a cultura ta muito largada.</p>
--	--	---